

Universidades Lusíada

Pomposo, Nuno Miguel Machado de Freixo, 1969-

**Inovação e sustentabilidade : a práxis na obra de
Álvaro Siza Vieira – o azulejo**

<http://hdl.handle.net/11067/7998>

Metadados

Data de Publicação	2024
Resumo	A temática da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável são conceitos fundamentais para garantir a harmonia entre o desenvolvimento económico, social e ambiental, sendo um dos assuntos que mais preocupam na atualidade a comunidade internacional. Para proteger o meio ambiente e travar o consumo desenfreado dos recursos naturais, sendo que em breve, a Humanidade ver-se-á confrontada com a escassez destes, o tema central desta dissertação pretende contribuir com uma reflexão crítica sobre a...
Palavras Chave	Azulejos - Portugal, Decoração e ornamento (Arquitetura) - Portugal, Arquitetura sustentável - Portugal, Vieira, Álvaro Siza, 1933 - Projetos e plantas
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-31T16:05:39Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES
Mestrado Integrado em Arquitetura

**Inovação e sustentabilidade:
a *práxis* na obra de Álvaro Siza Vieira - o azulejo**

Realizado por:
Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo

Orientado por:
Professora Doutora Arquiteta Maria de Fátima Silva

Constituição do Júri:

Presidente:	Professora Doutora Arquiteta Helena Cristina Caeiro Botelho
Orientadora:	Professora Doutora Arquiteta Maria de Fátima Silva
Arguente:	Professor Doutor Arquiteto Mário João Alves Chaves

Dissertação aprovada em: 10 de abril de 2025

Lisboa

2024



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

Inovação e sustentabilidade:
a prática na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo

Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo

Lisboa

Novembro 2024



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

Inovação e sustentabilidade:
a prática na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo

Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo

Lisboa

Novembro 2024

Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo

Inovação e sustentabilidade:
a práxis na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e
Artes da Universidade Lusíada para a obtenção do grau
de Mestre em Arquitetura.

Orientadora: Professora Doutora Arqt.^a Maria de Fátima
Silva

Lisboa

Novembro 2024

FICHA TÉCNICA

Autor Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo
Orientadora Professora Doutora Arqt.^a Maria de Fátima Silva
Título Inovação e sustentabilidade: a *práxis* na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo
Local Lisboa
Ano 2024

CASA DO CONHECIMENTO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

POMPOSO, Nuno Miguel Machado de Freixo, 1969-

Inovação e sustentabilidade : a *práxis* na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo / Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo ; orientado por Maria de Fátima Silva. - Lisboa : [s.n.], 2024. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

I - SILVA, Fátima, 1963-

LCSH

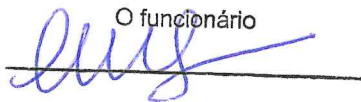
1. Azulejos - Portugal
2. Decoração e ornamento (Arquitetura) - Portugal
3. Arquitetura sustentável - Portugal
4. Vieira, Álvaro Siza, 1933 - Projetos e plantas
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Tiles - Portugal

2. Decoration and ornament, Architectural - Portugal
3. Sustainable architecture - Portugal
4. Vieira, Álvaro Siza, 1933 - Designs and plans
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
6. Dissertations, academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. NA1333.V54 P66 2024

Recebido nos serviços
da Secretaria Geral de Alunos
em 22 / 4 / 2025
O funcionário


ERRATA

Pomposo, Nuno Miguel Machado de Freixo (2025) – Inovação e sustentabilidade:
a práxis na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo
Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada
de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
10	2 e 3	Inovação e sustentabilidade: a práxis na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo	Innovation and sustainability: praxis in the work of Álvaro Siza Vieira the tile
10	5 a 20	Vivamus velit odio, ultricies vitae tincidunt vitae, pretium ac mauris. Nulla ut rutrum diam. Curabitur nisi lacus, cursus ut porta a, bibendum vel mauris. Suspendisse potenti. Cras Keywords:	The theme of sustainability and sustainable development are fundamental concepts to ensure harmony between economic, social and environmental development, and are one of the issues that most concern the international community today. In order to protect the environment and curb the unbridled consumption of natural resources, given that humanity

			<p>will soon be faced with the scarcity of these, the central theme of this dissertation aims to contribute with a critical reflection on Innovation and Sustainability, taking as a propositional material a ceramic material, the Tile. In this sense, it is proposed to explore four works by Siza Vieira: Church of Santa Maria in Marco de Canaveses, 1996, the Portuguese Pavilion at Expo '98, the Baixa-Chiado Metro Station in Lisbon from 1992 to 1998, the São Bento Porto Metro Station in 2005 in a structuring reading of the Modus Operandi of architect Álvaro Siza Vieira, given the undeniable international projection that Portuguese architecture has</p>
--	--	--	--

			<p>achieved thanks to his contribution, which is why it is considered particularly relevant to raise awareness of the use of sustainable materials - such as tiles - applied in their works, as a way of promoting awareness for sustainable architecture.</p>
10	21 e 22	Keywords:	<p>Keywords: Tile, Construction Material, Sustainability, Innovation, Praxis, Álvaro Siza Vieira.</p>

AVISO LEGAL

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Dedicada à minha mãe Alcina pelo seu amor a sua força e
coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores, colegas, amigos e familiares que tornaram possível a realização do presente trabalho e que me acompanharam ao longo do curso de Arquitetura.

Em particular a professora: Dr.^a Arq.^a Maria Fátima Silva, por toda a disponibilidade e tempo despendido com a orientação, pela sua paciência, dedicação e perseverança.

Um obrigado especial aos meus pais pelo amor e confiança que depositaram em mim ao longo da minha vida, pela educação que me inculcaram.

Não menos importante quero salientar o sonho, que nasceu ainda muito novo, o de um dia ser arquiteto. Que me deu força e ânimo para chegar ao fim desta etapa.

“God is in the details.”

Ludwing Mies Van Der Rohe

(Rohe, 1969 p. 42)

APRESENTAÇÃO

Inovação e sustentabilidade:

a praxis na obra de Álvaro Siza Vieira – o azulejo

Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo.

A temática da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável são conceitos fundamentais para garantir a harmonia entre o desenvolvimento econômico, social e ambiental, sendo um dos assuntos que mais preocupam na atualidade a comunidade internacional.

Para proteger o meio ambiente e travar o consumo desenfreado dos recursos naturais, sendo que em breve, a Humanidade ver-se-á confrontada com a escassez destes, o tema central desta dissertação pretende contribuir com uma reflexão crítica sobre a Inovação e a Sustentabilidade, tomando como material de proposição um material cerâmico, o Azulejo, nesse sentido, é proposta a exploração de quatro obras da autoria de Siza Vieira: Igreja de Santa Maria em Marco de Canaveses, 1996, o Pavilhão de Portugal na Expo '98, a Estação de Metropolitano na Baixa-Chiado, em Lisboa 1992 a 1998, a Estação de Metropolitano de São Bento Porto 2005 numa leitura estruturante do Modus Operandi do arquiteto Álvaro Siza Vieira, dada a incontestável projeção internacional que a arquitetura portuguesa alcançou graças ao seu contributo pelo que se considera particularmente relevante dar a conhecer a utilização de materiais sustentáveis - como o azulejo - aplicado nas suas obras, como modo de promover a consciencialização para uma arquitetura sustentável.

Palavras-chave: Azulejo, Material de Construção, Sustentabilidade, Inovação, Praxis, Álvaro Siza Vieira.

PRESENTATION

Innovation and sustainability:

praxis in the work of Álvaro Siza Vieira – the tile

Nuno Miguel Machado de Freixo Pomposo

The theme of sustainability and sustainable development are fundamental concepts to ensure harmony between economic, social and environmental development, and are one of the issues that most concern the international community today. In order to protect the environment and curb the unbridled consumption of natural resources, given that humanity will soon be faced with the scarcity of these, the central theme of this dissertation aims to contribute with a critical reflection on Innovation and Sustainability, taking as a propositional material a ceramic material, the Tile. In this sense, it is proposed to explore four works by Siza Vieira: Church of Santa Maria in Marco de Canaveses, 1996, the Portuguese Pavilion at Expo '98, the Baixa-Chiado Metro Station in Lisbon from 1992 to 1998, the São Bento Porto Metro Station in 2005 in a structuring reading of the Modus Operandi of architect Álvaro Siza Vieira, given the undeniable international projection that Portuguese architecture has achieved thanks to his contribution, which is why it is considered particularly relevant to raise awareness of the use of sustainable materials - such as tiles - applied in their works, as a way of promoting awareness for sustainable architecture.

Keywords: Tile, Construction Material, Sustainability, Innovation, Praxis, Álvaro Siza Vieira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – A Porta de Ishtar. Datada do reinado de Nabucodonosor II (604-562 a.C.. (Fonte: https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-272/porta-de-ishtar/)	35
Ilustração 2 – Palácio Nacional de Sintra. Azulejo hispano-mourisco na Sala Árabe, 1500 1560. (Fotografia: Cláudio Marques, 2011 © Palácio Nacional de Sintra).	37
Ilustração 3 – Paço Ducal, Vila Viçosa,, 1558. (Fotografia: Luísa Oliveira © Direção-Geral do Património Cultural / DDCI).	38
Ilustração 4 – Azulejo em corda seca (laçarias).	39
Ilustração 5 – Paineis de Francisco De Matos, Azulejos, ,Lisboa, 1584, Igreja de S. Roque - capela de São Roque, (Fotografia: Inês Aguiar/ MNAz © Divisão da Documentação Fotográfica/IMC).	40
Ilustração 6 – Palácio Marquês da Fronteira, Lisboa, fotografia: Inês Aguiar/MNAz ...	40
Ilustração 7 – Palácio e Quinta da Bacalhoa, município de Setúbal, (Portugal. 1565.)	41
Ilustração 8 – Azulejos de padrão em ponta de diamante. Igreja de São Roque, Em exposição no Museu de Lisboa (1593),	41
Ilustração 9 – Paineis de azulejos enxaquetados. Origem do Teatro Romano. Em exposição no Museu de Lisboa. em Lisboa.	42
Ilustração 10 – Azulejo enxaquetado Évora, Ermida de São Brás (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC).....	43
Ilustração 11 – Azulejos de padrão Santarém, Igreja de Marvila. (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC).....	44
Ilustração 12 – Capela da Universidade, Coimbra, Fotografia: (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC).....	44
Ilustração 13 – Edifício na Rua da Trindade, n.º 26 a 34, Lisboa, 1807.	47
Ilustração 14 – Cronologia.	49
Ilustração 15 – Conjunto Habitacional da Avenida Infante Santo, Lisboa, 1955-1960, perspetiva geral. Alberto José Pessoa, Hernâni Gandra e João Abel Manta (arquitetura), Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).	56

Ilustração 16 – Painel de Rolando Sá Nogueira 1959, Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).	57
Ilustração 17 – Pormenor do painel de Rolando Sá Nogueira. (Ilustração nossa, 2024).	58
Ilustração 18 – Maria Keil, painel de azulejo O Mar, Avenida Infante Santo, Lisboa, 1956-1958. (Ilustração nossa, 2024).....	60
Ilustração 19 – Painel De Azulejos de Alice Jorge e de Júlio Pomar (1958). Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).....	61
Ilustração 20 – Pormenor do painel de azulejos de Alice Jorge Júlio Pomar, Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).....	62
Ilustração 21 – Carlos Botelho, painel de azulejo Cidade Colorida, Avenida Infante Santo, Lisboa, (Ilustração nossa, 2024).....	63
Ilustração 22 – Eduardo Nery, painel de azulejo, Avenida Infante Santo, Lisboa, (Ilustração nossa, 2024).	65
Ilustração 23 – Viaduto Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).	66
Ilustração 24 – Luminosidade e reflexos. (Ilustração nossa, 2024).	67
Ilustração 25 – Observação no plano superior. (Ilustração nossa, 2024)..	67
Ilustração 26 – Mural em azulejo “Louvor da Vivacidade. ilustração nossa 2024.	68
Ilustração 27 – Detalhe de textura relevada. (Ilustração nossa,2024).	68
Ilustração 28 – Pormenor do azulejo padrão. (ilustração nossa 2024).	69
Ilustração 29 – Plasticidade e reflexos de luminosidade. (ilustração nossa 2024).....	69
Ilustração 30 - Edifício na Rua do Vale do Pereiro, (Lisboa, 1946-1949).	73
Ilustração 31 - Pormenor do azulejo padrão. (Lisboa, 1946-1949).	73
Ilustração 32 - Casa da Moeda, Lisboa; (Fotografia: Manuelvbotelho, 1985), https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=23558701	74
Ilustração 33 - Fundação Calouste Gulbenkian, edifício sede, zona de congressos,. (Fotografia de Carlos Azevedo, Lisboa, 2017).	76
Ilustração 34 - Palácio da Justiça de Lisboa, 1962-1970, perspetiva da galeria com painéis cerâmicos de Jorge Barradas, Júlio Resende e Querubim Lapa. João Andresen e Januário Godinho (arquitetura). (Ilustração nossa,2024).....	77

Ilustração 35 – Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira.....	78
Ilustração 36 – Detalhe na aplicação de azulejo branco na fachada sul no Complexo Residencial da Boavista, Porto (1991-1998)	79
Ilustração 37 – Igreja de Santa Maria.	83
Ilustração 38 – Transição entre materiais: lambrim e rodapé (Fotografia:Petr Šmídek, 2011),	84
Ilustração 39 – Batistério parede de azulejo e mármore.	85
Ilustração 40 – Nave Central e altar.....	85
Ilustração 41 – A nave, revestimento parcial do labrim..	86
Ilustração 42 – Desenho do lambrim em azulejo e rodapé em madeira.	86
Ilustração 43 – Luminosidade da nave, fonte: https://visit.marcodecanaveses.pt	86
Ilustração 44 – Capela Batismal, Batismo de Cristo, (Marco de Canaveses,1997=.	88
Ilustração 45 – Estação de Metro Baixa-Chiado, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).	91
Ilustração 46 – Teto do átrio acesso pela Rua do Crucifixo. Lisboa (Ilustração nossa, 2024).	91
Ilustração 47 – Azulejo branco quadricular. Lisboa 2024 (Ilustração nossa, 2024).	92
Ilustração 48 – Transição de plano pavimento e da parede.(Ilustração nossa, 2024).	92
Ilustração 49 – Tipologia de azulejos. (Ilustração nossa, 2024).	93
Ilustração 50 – Transição de planos. Solução de remates. (Ilustração nossa, 2024)..	93
Ilustração 51 – Detalhe de transição. (Ilustração nossa, 2024)	94
Ilustração 52 – Luminosidade provocada pela incidência luz artificial. (Ilustração nossa, 2024).	94
Ilustração 53 – Estereometria e junta do azulejo retangular biselar. (Ilustração nossa, 2024).	95
Ilustração 54 – Pormenor, da solução de remates entre planos. (Ilustração nossa, 2024).	95
Ilustração 55 –Transição de planos. Ilustração nossa, 2024.....	96
Ilustração 56– Relação do revestimento azulejar com a variação da luz artificial. (Ilustração nossa, 2024)..	96

Ilustração 57 – Transição de materiais da parede e teto abobadilhado. Ilustração nossa, 2024.	97
Ilustração 58 – Detalhe de acabamento entre planos. (Ilustração nossa 2024.).....	97
Ilustração 59 – Relação do lambrim em azulejo retangular liso e biselar na mudança de direção dos planos. (Ilustração nossa, 2024).	98
Ilustração 60 – Relação do lambrim em azulejo retangular liso com os degraus da escada. (Ilustração nossa, 2024).	98
Ilustração 61 – Aplicação isolada de um azulejo biselar. (Ilustração nossa, 2024).....	99
Ilustração 62 – Solução de remates entre planos. (Ilustração nossa, 2024.).....	99
Ilustração 63 – Teto da saída pela Rua do Crucifixo. Ilustração nossa 2024.	100
Ilustração 64 – Pormenor da composição de azulejos na entrada da estação Metropolitano Baixa/Chiado. (Ilustração nossa, 2024)	100
Ilustração 65 -Teto da saída para o Largo do Chiado. (Ilustração nossa, 2024).....	100
Ilustração 66 – Revestimento empedra e azulejo. Saida para o Largo do Chiado. Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).	101
Ilustração 67 – Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, revestimento da cozinha com azulejos de diferentes tons de esmalte e ondulação superficial da chacota, devido à cozedura artesanal (Alcobaça 1752). https://www.almadeviajante.com/wp-content/uploads	103
Ilustração 68 – Painéis artísticos desenhados por Júlio Pomar. Estação de metro do Alto dos Moinhos, Lisboa, 1988 (Fonte: https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt)	104
Ilustração 69 –. Estação do metropolitano de São Bento, (Fotografia: Fernando Guerra, Porto 2006).....	105
Ilustração 70 – Desenhos com traços lineares em linha azul (Fotografia: Fernando Guerra, Porto 2006).	105
Ilustração 71 - Estação do metropolitano de São Bento, Porto. (Fotografia: Fernando Guerra 2006)	105
Ilustração 72 Azulejo figura avulsa, (Fotografia: Fernando Guerra 2006)	105
Ilustração 73 - Fachada exterior poente, Pavilhão de Portugal Expo'98,(Ilustração nossa, 2024).....	109

Ilustração 74 – Detalhe da Fachada interior nascente, (Ilustração nossa 2024).....	109
Ilustração 75 – Fachada interior nascente, Pavilhão de Portugal Expo’98, Lisboa. (Ilustração nossa,2024).	109
Ilustração 76 – Revestimentoem em azulejo cinza e pedra de lioz dos porticos.	110

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

- Arq. - Arquiteto/a.
- DGPC - Direção-Geral do Patrimônio Cultural.
- Ex. - Exemplo.
- ISO - International Organization for Standardization. (ISO, na sigla em inglês)
- LEED - Leadership in Energy and Environmental - Design; em português: Liderança em Energia e Design Ambiental
- MNAz - Museu Nacional do Azulejo.
- Sec. - Século.
- SECLA - Sociedade de Exportação e Cerâmica, SA.
- UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (UNESCO, na sigla em inglês)
- VOCs - Compostos Orgânicos Voláteis (VOCs, na sigla em inglês)

SUMÁRIO

Enquadramento do Tema.

Motivação e Objetivos.

Critério de Seleção dos Casos de Estudo.

Metodologia e Estrutura.

1. O Azulejo Na Arquitetura.....	34
1.1. A Tradição do Azulejo na Arquitetura Portuguesa	35
1.2. Cronologia.....	49
2. O Azulejo Na Arquitetura De Hoje	50
2.1. Na reabilitação de edifícios e nas áreas urbanas- o azulejo como um contributo para a reabilitação do espaço publico.	50
2.2. O Azulejo Como Expressão Plástica Na Arquitetura e nas artes decorativas. .	54
2.3. Obras de arquitetos notáveis.....	71
2.4. .Função, Ideia e Decomposição	75
A Experiência sensorial, em 4 Obras de Siza Vieira.	78
4.1. Igreja Santa Maria em Marco de Canaveses (1996).	82
4.2. Estação do Metropolitano Baixa-Chiado em Lisboa (1992 a 1998).	89
4.3. Estação do Metropolitano de São Bento no Porto (1996-2005).....	102
4.4. Pavilhão de Portugal na Expo '98 em Lisboa (1998).	107
Conclusões finais.....	111
Bibliografia.....	113
Referências Eletrónicas	115

Introdução

A temática do desenvolvimento sustentável e da identidade dos espaços são conceitos fundamentais que intentam garantir a harmonia entre o desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental. Sendo este um dos assuntos que mais preocupam a comunidade internacional, dado que se nada for feito para proteger o meio ambiente e travar o consumo desenfreado dos nossos recursos naturais, em breve a Humanidade ver-se-á confrontada com a escassez dos mesmos. Pelo que, na área da construção de arquitetura o conceito da reutilização de materiais deve ser, cada vez mais, equacionado durante a fase de conceção do projeto de arquitetura, sendo esta praxis um contributo fundamental para a sustentabilidade dos recursos naturais.

O azulejo, material aplicado na construção tradicional como revestimento de paramentos de espaços, (edifícios, muros, mobiliário urbano, etc.), é visto, na sua utilização, como um importante contributo para a mitigação do problema dos desperdícios de obra e uma estratégia para a sua sustentabilidade e preservação.

O objetivo principal deste estudo é, neste contexto, tentar compreender de que modo o azulejo deve ser reintroduzido nas novas linguagens arquitetónicas assim como na reabilitação. Considerando como obra de referência e de carácter na Obra Álvaro Siza Vieira¹, pela seleção cuidadosa de formas, texturas, padrões e variações cromáticas, promovidas pela aplicação do azulejo à sua arquitetura, dando-lhe luminosidade espacial, criando atmosferas de luz e reflexos. Ao mesmo tempo Siza revela com esta introdução uma preocupação com a sustentabilidade dos espaços projetados, introduzindo-o na sua paleta de materiais. O arquiteto demonstra a sua preocupação pela sustentabilidade dos recursos ao escolher materiais locais.

A temática do desenvolvimento sustentável, é um dos conceitos fundamentais que intentam garantir a harmonia entre o desenvolvimento económico, social e ambiental, é hoje, um dos assuntos que mais preocupam a comunidade internacional, dado que se

¹ Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira. (1933 -) Arquiteto português. Nasceu em Matosinhos. Entre 1949 e 1955, estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto, e entre 1966 e 1969 lecionou arquitetura na mesma escola. As suas obras construídas mais relevantes são: Casa de Chá da Boa Nova (1958- 63), Piscinas de Marés (1960-66), Museu de Serralves (1991-98), Igreja Marco de Canaveses (1996), Museu: Fundação Iberê Camargo (2002-08), em Porto Alegre, no Brasil. Recebeu o Prémio Pritzker em 1992. Ganhou o prémio Secil em 1996, em 2000 e em 2006, entre muitos outros prémios. Algumas das suas inquietações teóricas manifesta-se em livros como *Imaginar a Evidência* (VIEIRA, 2000) e *01 Textos* (VIEIRA, 2009).

nada for feito para proteger o meio ambiente e travar o consumo desenfreado, ficam comprometidos os recursos naturais para as futuras gerações, muito em breve a Humanidade ver-se-á confrontada com a escassez dos mesmos.

A utilização do azulejo é uma tradição na arquitetura nacional, tem contribuído para a caracterização e preservação de uma identidade cultural, sendo reconhecidamente um material reutilizável feito a partir de uma matéria prima natural, reciclável (a argila) que produz baixos resíduos, considerando-se pelo facto um material de construção sustentável.

Organização e metodologia de abordagem da dissertação.

Estruturando-se em 4 capítulos, organizados do geral, para o particular, começa com um breve enquadramento histórico do Azulejo no tempo (barra cronológica), focando-se particularmente no contexto nacional. Segue-se um capítulo onde necessariamente se desenvolve uma exposição sobre as qualidades físicas e plásticas do material em si, da sua versatilidade na composição e qualificação física e estética, enquanto material de construção, identificando as suas qualidades funcionais, e estereotomias de composição enquanto revestimento de espaços arquitetónicos.

Como apresentação das qualidades e vantagens de utilização deste material, apresenta-se uma seleção de obras de referência contemporânea onde este material é aplicado com diversas intenções conceptuais. A versatilidade do Azulejo, característica reconhecida na diversidade de aplicações que podemos encontrar na de Obra de Álvaro Siza Vieira, fazendo-se uma seleção de 4 obras onde Siza aplica o azulejo com diferentes propósitos compositivos que permitem revelar as diferentes facetas deste material, para isso desenvolve-se uma breve apresentação das 4 obras seleccionadas, nomeadamente, a A Igreja de Santa Maria de Marco de Canaveses; o Pavilhão de Portugal para a Expo'98, Lisboa; a estação de Metro, Baixa-Chiado, Lisboa e de São Bento, Porto, identificando em cada uma obra a característica ou característica plástica e funcional que estiveram na base deste material, salientado o acabamento na caracterização espacial de cada situação.

Termina-se a dissertação com uma breve síntese das principais ideias desenvolvidas.

1. O AZULEJO NA ARQUITETURA

Começando por definir azulejo na origem etimológica da palavra portuguesa; Azulejo, esta, deriva do árabe hispânico az-zullaiju ou al-zuléig, pequena pedra polida, termo usado para definir o mosaico bizantino. No dicionário de língua portuguesa é descrito como; “AR, ADO, ADURA, (zul, gerens, làs) \c. chata, azul & c.”² (SOUSA, 1981).

O azulejo ordinariamente é definido como uma peça cerâmica com uma face polida e vidrada³, de formato, geralmente quadrado, de pequena espessura apresentando-se em diversas cores, sendo geralmente aplicado em grande número como revestimento de paredes interiores e exteriores, sendo por isso um elemento associado à arquitetura e como elemento decorativo associado às artes plásticas. A origem do azulejo remonta aos povos babilônicos, tendo como exemplar a Porta de Ishtar⁴ Ilustração 1, hoje presente no Pergamon Museum de Berlim, datada do reinado de Nabucodonosor II (604-562 a.C.) era uma das oito portas da cidade da Babilônia é um exemplo de sofisticação da arquitetura e da decoração com a técnica da cerâmica vitrificada e faiança colorida, Identifica os azulejos azuis como escrita de Garcia Brittany⁵, com tradução de Patrice Martins texto editado no site The World History Encyclopedia.

A frente da porta está adornada com tijolos esmaltados com filas alternadas de dragões e touros. Os animais são decorados com azulejos amarelos e castanhos, enquanto os tijolos que os rodeiam são azuis. Pensa-se que os azulejos azuis esmaltados são de lápis lazúli, mas existe um debate sobre esta conjectura. As portas mediam mais de 11,5 m de altura, com uma vasta antecâmara no lado sul. (BRITTANY, 2013)

² Sousa, João de.1981. Vestígios da Língua Árábica em Portugal. Gráfica Maiadouro.

³.O vidrado pode ser zarcão ou óxido de chumbo, incolor ou ainda, colorido com o auxílio dos óxidos metálicos.

⁴ A Porta de Istar foi a oitava porta da cidade mesopotâmica da Babilônia. Foi construída por volta de 575 a.C. por ordem do rei Nabucodonosor II no lado norte da cidade. Dedicado à deusa acádica Istar, a porta foi construída em fileiras de azulejos azuis brilhantes mesclados com faixas de baixo-relevo ilustrando dragões e auroques. fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Porta_de_Istar.

⁵ Garcia Brittany. Escritora freelancer e tradutora de latim clássico e grego antigo, com pós-graduação em Clássicos e História Antiga.



Ilustração 1 – A Porta de Ishtar. Datada do reinado de Nabucodonosor II (604-562 a.C.. (Fonte: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-272/porta-de-ishtar/>)

1.1. A TRADIÇÃO DO AZULEJO NA ARQUITETURA PORTUGUESA

Na história azulejar em território nacional, a palavra azulejo é facilmente associada à cor azul-cobalto, cuja utilização caracterizou um dos períodos mais ricos da azulejaria portuguesa designada como; Ciclo dos Mestres. A tradição cerâmica tem origem no Médio-Oriente. Chega à Península Ibérica ainda no século XIII.

Embora a origem do azulejo não seja portuguesa, em nenhum outro país do continente europeu este material recebeu um tratamento tão expressivo e original, bem adaptado aos vários condicionalismos económicos, sociais e culturais específicos, nem foi utilizado de maneira tão complexa e dilatada, com fins que transcendem largamente um mero papel decorativo, como em Portugal. (MECO, 1989 p. 11).

As cerâmicas surgem como primeiras aplicações no pavimento da abside⁶ nas capelas do Mosteiro de Alcobaça. Como narrativa de Paulo Henriques a importância na cultura e identidade do azulejo em Portugal ao longo de 5 séculos em espaços nobres como Igrejas, palácios, conventos, jardins e urbanos.

O Azulejo é em Portugal uma das expressões fundamentais de Cultura, onde inscreve funções não só de estrita decoração, mas sobretudo de transcendência artística, como suporte de imagens ao longo dos cinco séculos em que, sem interrupção, foi aplicado nos espaços nobres das arquitecturas e das cidades. (Henriques, 2000 p. 13)

⁶ Construção de planta semicircular, quadrangular ou poligonal, abobadada ou coberta de madeira, situada no topo de uma igreja. Concentrando-se no seu espaço o ponto nevrálgico da liturgia aí se situa, por norma, no altar-mor.

No século XIV o azulejo produziu-se em algumas regiões de Espanha, só na segunda metade de quatrocentos é que os azulejos se começaram a utilizar em Portugal, ainda que de uma forma esporádica. Apenas na transição para o século XVI é que o azulejo, que vinha maioritariamente de Sevilha, se expandiu verdadeiramente em Portugal. Neste período, produzia-se na cidade espanhola um novo tipo de azulejo, denominado de corda-seca⁷, que constituía uma síntese do alicatado⁸ de herança árabe. Surge tardiamente o azulejo de aresta⁹. No entanto, como refere Reinaldo dos Santos¹⁰. “...a distinção entre corda-seca e aresta tem mais importância técnica que decorativa. A evolução essencial foi a passagem do mosaico para o azulejo propriamente dito, isto é, para as placas quadradas, imitando o desenho do alicatado” (1957 p. 11).

De acordo com José Meco o azulejo ganha grande protagonismo em território nacional principalmente na arquitetura, mas também é aplicando em revestimento de mobiliário de jardins, fontanários, bancos de jardim, muretes, afirmado que supera largamente a decoração. Portugal exporta esta tecnologia e gosto para o outro lado do Oceano Atlântico para o Brasil.

De entre todos os países europeus. Foi em Portugal que o azulejo manifestou maior desenvolvimento e as formas mais originais e funcionais de utilização numa actuação primordial arquitectónica nunca passiva nem neutra, ultrapassa largamente a mera função decorativa. (MECO, 1985 p. 5)

SÉCULO XVI

Período de 1490 a 1550

Azulejo hispano-mourisco.

7 A técnica de corda-seca consiste no «contorno dos motivos decorativos com ranhuras preenchidas com mistura de gordura (óleo de linhaça) e manganês, que na segunda cozedura impedem a mistura das cores (PEREIRA, 1990 p. 124).

8 O alicatado é uma técnica que consiste na «combinação de fragmentos cerâmicos vidrados de diferentes cores e com múltiplas formas geométricas cortadas antes ou depois da fase de cozedura. (PEREIRA, 1990 p. 124)

9 A técnica de aresta consiste na «aplicação de moldes de madeira ou metal sobre barro cru, formando arestas salientes que isolavam os diversos esmaltes coloridos. (PEREIRA, 1990 p. 124)

10 Reinaldo dos Santos. (1880 -1970) foi médico, escritor e historiador de arte portuguesa.

Primeira metade do século a partir do século XVI, o azulejo começou a ser utilizado em Portugal no Palácio de Sintra¹¹, foi o primeiro local onde foram feitas aplicações de azulejos maneirista e renascentista, importados Ilustração 2. As primeiras aplicações de azulejos são registadas a partir dessa época. Os principais centros produtores na Península Ibérica são em Manises, Valência, Málaga e Toledo, a sua produção tinha como finalidade e objetivo a aplicação na arquitetura. Inicialmente importados de Manises, Valência, Toledo e Sevilha, maioritariamente, os azulejos passaram a ser trazidos de Sevilha.

Os azulejos apresentavam padrões, com desenhos geométricos e arabescos e posteriormente passaram a incluir também desenhos vegetais, sendo utilizados com propósitos arquitetónicos. Ao longo dos anos, foram desenvolvidas e aprimoradas as técnicas como a corda seca e a aresta.



Ilustração 2 – Palácio Nacional de Sintra. Azulejo hispano-mourisco na Sala Árabe, 1500 1560. (Fotografia: Cláudio Marques, 2011 © Palácio Nacional de Sintra).

Os azulejos importados de Sevilha por Francisco Niculoso¹² em 1504 e de Flandres em 1558, onde artistas italianos se instalaram, utilizando a técnica majólica¹³. Eles representam histórias clássicas, brutescos e ferronerias, entre outros temas. Existem

¹¹ Palácio de Sintra, com D. Manuel I (1469-1521), o Palácio recebeu os elementos decorativos que ainda hoje constituem a sua marca distintiva nomeadamente os revestimentos azulejares hispano-mouriscos. Fonte: <https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/palacio-nacional-sintra/historia/>

¹² Francisco Niculoso (por volta de 1470 - 1529), conhecido como Niculoso Pisano, é um famoso pintor italiano de majólica, conhecido por introduzir técnicas de majólica italiana na Espanha e por ter tido uma grande influência na produção de azulejos na Península Ibérica.

¹³ A majólica, nova técnica vinda de Itália que permite pintar diretamente no azulejo vidrado, é introduzida na Península Ibérica nos finais do século XV pela mão do artista italiano Francisco Niculoso.

algumas encomendas com heráldica portuguesa, dessas encomendas temos para o Paço Ducal de Vila Viçosa Ilustração 3, com o tema; História de Tobias.



Ilustração 3 – Paço Ducal, Vila Viçosa,, 1558. (Fotografia: Luísa Oliveira © Direção-Geral do Património Cultural / DDCI).

Surgem os desenhos inspirados em elementos decorativos góticos (geométricos, vegetalistas e laçarias).

Período de 1500 a 1560

Azulejo de importação - azulejo renascentista e maneirista.

A importação de azulejos, já segundo a técnica da majólica, de Sevilha com Francisco Niculoso (1504), e da Flandres (1558), cidade onde se instalaram artistas italianos. Representam histórias clássicas, brutescos, ferronerias, entre outros motivos. Realiza-se encomendas com desenhos de heráldica portuguesa, por exemplo, para O Paço Ducal de Vila Viçosa. Desenhos com inspirações em elementos decorativos góticos (módulo de padrão de 2 x 2, geométricos, vegetalistas e laçarias como Ilustração 4 no tardo tem desenhado com óxido de manganês¹⁴ duas letras maiúsculas: P e Y e policromia em verde, azul, manganés”. com motivos inspirados nos tetos de madeira de arquitetura mudejar¹⁵.

¹⁴ O dióxido de manganês na cerâmica é utilizado principalmente como matéria corante. Produz marrom em oxidação. Em bases alcalinas e na presença de zircônio pode produzir tons de rosa, combinado com cobalto apresenta tom violeta. Obtêm-se pretos na mistura com cobalto e ferro.

¹⁵ Denomina-se arte mudéjar ao estilo artístico que se desenvolveu entre os séculos XII e XVI nos reinos cristãos da Península Ibérica, que incorpora influências, elementos ou materiais de estilo ibero-muçulmano. Trata-se de um fenómeno exclusivamente ibérico que combina e reinterpreta estilos artísticos cristãos (românico, gótico e renascentista) com a arte islâmica. A expressão "arte mudéjar" foi cunhada em 1859 por Amador de los Ríos em seu discurso de ingresso na Real Academia de Belas-Artes de São Fernando "O estilo mudéjar na arquitetura".

O revestimento cerâmico é, tradicionalmente, caracterizado por um vidrado branco opaco, constituído essencialmente por sílica, óxido de chumbo e óxido de estanho, o agente opacificantes e ao qual se deve o nome do vidrado estanífero.



Ilustração 4 – Azulejo em corda seca (laçarias).

A técnica majólica ou Maiólica¹⁶ com origem da Itália e introduzida na Península Ibérica em meados do século XVI.

Período de 1575 a 1600:

Primeira produção portuguesa.

Na segunda metade do século surgem as primeiras produções de azulejos em Portugal, nas olarias de Lisboa. Produzidos com as técnicas de pintura italiana e flamenga, mostram principalmente uma preocupação com os elementos estéticos e pictóricos¹⁷. Início da produção portuguesa, com as mesmas características do ciclo anterior e segundo a técnica da majólica, da qual a capela de São Roque, na igreja jesuítica com a mesma invocação, é um dos melhores exemplos, assinado e datado: Francisco de Matos¹⁸, 1584.

¹⁶ Técnica da majólica podem ainda considerar-se dois tipos de Majólica: esmaltada, técnica em que a chacota era revestida com o vidrado estanífero ficando assim a superfície preparada para receber a pintura; e envernizada, em que a pintura era feita sobre a chacota e envernizada posteriormente.

¹⁷ [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$azulejo](https://www.infopedia.pt/artigos/$azulejo)

¹⁸ Francisco de Matos. Pintor de azulejos, pintou para o palácio da Bacalhôa, em Azeitão (1565) e para a igreja de São Roque em Lisboa (1584) morava em Lisboa, na Rua das Flores.



Ilustração 5 – Painel de Francisco De Matos, Azulejos, ,Lisboa, 1584, Igreja de S. Roque - capela de São Roque, (Fotografia: Inês Aguiar/ MNAz © Divisão da Documentação Fotográfica/IMC).



Ilustração 6 – Palácio Marquês da Fronteira, Lisboa, fotografia: Inês Aguiar/MNAz

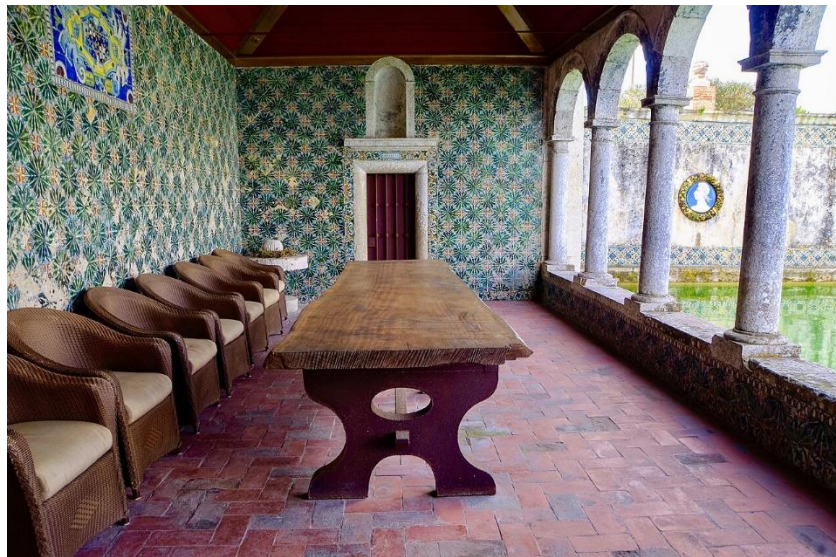


Ilustração 7 – Palácio e Quinta da Bacalhoa, município de Setúbal, (Portugal. 1565.)

Período de 1580 a 1630

Azulejo enxaquetado.

Neste período abandona-se as composições mouriscas e surge o azulejo de padronagem de "tapete" com composições geométricas com ênfase na ponta de diamante Ilustração 8.



Ilustração 8 – Azulejos de padrão em ponta de diamante. Igreja de São Roque, Em exposição no Museu de Lisboa (1593),

Século XVII

Período de 1600 a 1700

Azulejos de repetição

Começou no final do século a aplicação de azulejos de xadrez e os enxaquetados¹⁹, que são importados da Espanha e com cores fortes e uniformes.

Revestimentos com esquemas geométricos, articulados com os espaços onde se inserem, através de azulejos de uma só cor (azul e verde) Ilustração 9 fotografia do historiador José Francisco²⁰, conjugados com e casas senhoriais. outros brancos, cortados e adaptados à arquitetura. igualmente aplicados no interior de igrejas.



Ilustração 9 – Painel de azulejos enxaquetados. Origem do Teatro Romano. Em exposição no Museu de Lisboa. em Lisboa.

¹⁹ Azulejo enxaquetados. Revestimentos com esquemas geométricos, articulados com os espaços onde se inserem, através de azulejos de uma só cor (azul e verde) conjugados com outros brancos, cortados e adaptados à arquitetura.

²⁰ José Francisco Ferreira Queiroz nasceu dia 29 de janeiro de 1973, é um escritor português, historiador de arte, perito de escrita manual, com doutoramento em História da Arte pela Universidade do Porto, foi professor do Mestrado Integrado em Arquitetura da Escola Superior Artística do Porto e coordenador da sua Secção Autónoma de Teoria e História.

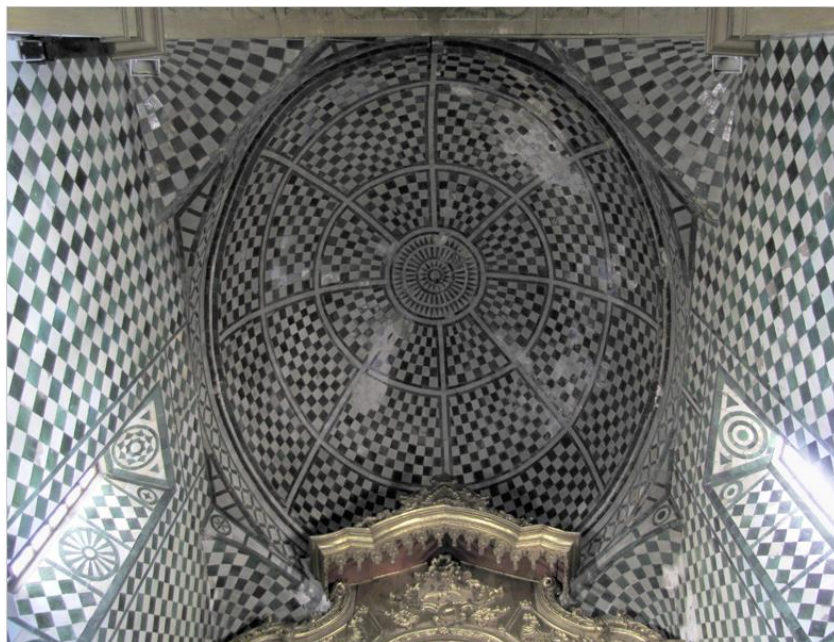


Ilustração 10 – Azulejo enxaquetado Évora, Ermida de São Brás (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC)

SÉCULO XVII

período de 1600 a1700

Azulejos de padrão.

Primeiro quartel do século dá-se um aumento da produção nacional e Lisboa é o maior centro cerâmico de Portugal. A nova indústria do azulejo floresce com as encomendas da nobreza e do clero.

Com o aparecimento da azulejaria de padrão, surgem os revestimentos integrais e com desenhos geométricos, florais, entrelaçados, vegetalistas, policromos, florais e com barras, cercaduras ou frisos que imitam tapeçarias, este revestimento reconhecido como o “tapete” . Aplicados em frontais de altar, com desenho de tecidos de inspiração orientais, com figuras exóticas e composições de brutesco.

Período de 1610 -1680

Policromia intensa.

Período marcado pela policromia intensa. Integração de cenas figurativas, policromas e de desenho sumário, nas largas superfícies preenchidas por azulejos de padrão. Estas representações acabariam por se autonomizar e na segunda metade do século, identificam-se revestimentos figurativos ou de brutescos e ampla folhagem, executados

numa policromia intensa. As representações inspiravam-se em gravuras. Policromias com escalas distintas os módulos podem variar de 2x2 até 12 x12.



Ilustração 11 – Azulejos de padrão Santarém, Igreja de Marvila. (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC).

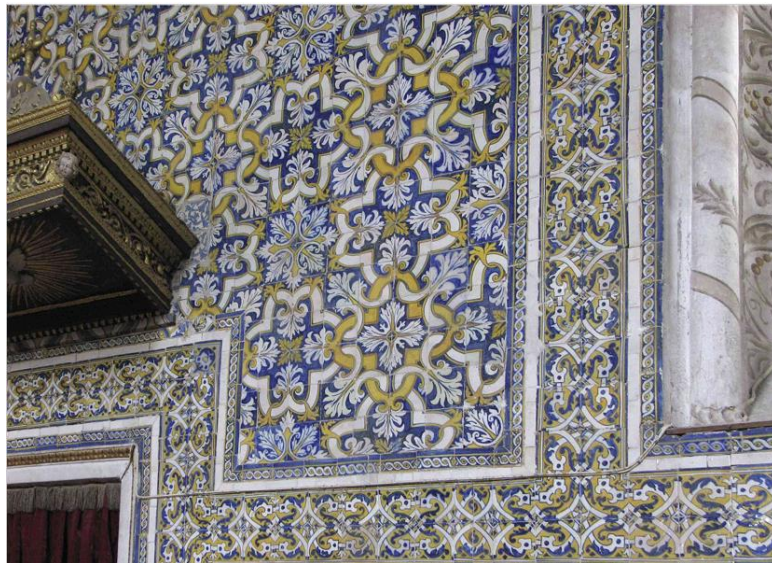


Ilustração 12 – Capela da Universidade, Coimbra, Fotografia: (Fotografia: Francisco Queiroz/IPC).

Período de 1675 a1700

Na segunda metade século XVII entre os primeiros exemplares, pintados ainda a man-ganês e pintados com tons predominantes de azul e branco, são aplicados com reves-timento no interior de igrejas e palácios, em programas iconográficos complexos. Neste período salienta-se o pintor Espanhol Gabriel del Barco.²¹

- alteração de temas (mitologia, azulejos de figura avulso).
- Com o final da guerra da restauração²² 1668 na construção de novos palácios e aplicação do azulejo no exterior jardins e fontanários.
- Início de importação de azulejos holandeses.

SÉCULO XVIII

Na segunda metade do século mais importante da história da azulejaria em Portugal, inicia-se com o ciclo dos Mestres. Inicia-se a pintura de grande erudição, a azul e branco, executada por mestres que eram também pintores de óleo e de tetos. Surge a azulejaria de autor, assinada pelos mais ilustres pintores, cada qual revelando distintas formas de entender a pintura sobre azulejo. António de Oliveira Bernardes, Manuel dos Santos, António Pereira. Neste período caracterizado por uma monumentalidade, articulando-se com a talha dourada e outras manifestações artísticas.

Período de 1740 a 1790

Regresso do rococó.

Surge o azulejo com linguagem rococó, principalmente nos concheados e folhagem assimétrica das guarnições que ao mesmo tempo, regressavam também à cor. As áreas de figuração continuam a ser pintadas a azul e mais excecionalmente a manganês, surgem desenhos com cenários do quotidiano, registam-se deveras exemplares de chinoiserie²³.

²¹ Gabriel del Barco (1649 - ?), Natural de Espanha. Após 1701, foi um pintor de tetos e azulejista que desenvolveu a sua atividade artística em Portugal.

²² As batalhas entre os reinos de Espanha e Portugal que foram travadas entre os anos de 1640 e 1668 ficaram conhecidas como Guerra da Restauração.

²³ Palavra francesa que designa a imitação ou evocação dos estilos chineses na arte ou na arquitetura ocidentais. O termo é aplicado particularmente à arte do século XVIII, quando desenhos pseudo chineses de inspiração fantástica e extravagante combinavam bem com o alegre estilo rococó que dominava na época.

Período de 1725 a 1750

Produção Joanina

No segundo quartel do século XVIII, surge a produção Joanina, devido ao crescente número de encomendas, executada por pintores formados pela geração anterior dos Mestres. Maior encenação, bem visível nas guarnições cada vez mais complexas e recortadas. Pertencem a este ciclo pintores como Policarpo de Oliveira Bernardes, Teotónio dos Santos, Valentim de Almeida ou Nicolau de Freitas.

- Aplicação do azulejo nos espaços exteriores de jardins, em fontes, bancos
- Início das exportações do Brasil.
- Após o terramoto de 1788 recuperou-se o azulejo de padrão.

Período de 1770 a 1820

Padrão pombalino.

Regressa à azulejaria de padrão, incorporando motivos que imitam gradeamentos e mais tarde têxteis ou papel de parede, com rosetas e florões, organizando-se em complexas simulações de luz. Os registos de santos, que protegiam os edifícios contra os fenómenos naturais, são também uma constante nesta época.

Período de 1780 a 1830

Azulejo neoclássico.

Período com expressão ao nível decorativo. Finais do século XVIII. O uso do azulejo deixa de ser restrito do clero e da nobreza, a burguesia realiza as primeiras encomendas azulejares para aplicar as seus palácios e quintas, os revestimentos são objeto de uma redução de escala, sendo empregues em silhares articulados com a pintura das paredes, cuja temática refletia a função do espaço que integravam. Inicia-se a produção fabril, com especial destaque para a Real Fábrica de Louça, ao Rato, Lisboa (1767-1835). O final do século fica marcado pelo Neoclassicismo.

SÉCULO XIX

Período de 1840 a-1900

Azulejo de fachada.

O Azulejo deixa de ser unicamente utilizado no interior dos edifícios, passando a revestir também as fachadas. O revestimento total de fachadas, conferindo aos edifícios cor e brilho, e alterando assim, a imagem urbana. O Recurso a azulejos de padrão fabricados em diversas unidades industriais. Houve ainda fachadas de cariz figurativo, destinadas a espaços específicos, como as de Luís Ferreira²⁴, conhecido como Ferreira das Tabuletas (1807-?). O Edifício na Rua da Trindade, n.º 26 a 34 Ilustração 13, também designado por Casa do Ferreira das Tabuletas (neste edifício, onde morava Rafael Bordalo Pinheiro). São aplicados na decoração exterior o azulejo com motivos maçónicos, igualmente a decoração inclui seis figuras alegóricas: a Terra, a Água, o Comércio, a Indústria, a Ciência e a Agricultura e o azulejo em painéis publicitários. Nasceram as unidades fabris com processos semi-industrializados.



Ilustração 13 – Edifício na Rua da Trindade, n.º 26 a 34, Lisboa, 1807.

SÉCULO XX

Período de 1920

²⁴ Luís Ferreira, diretor da Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego, conhecido por "Ferreira das Tabuletas".

Azulejaria Arte Nova

No início do século XX permanece e perdura as fachadas em azulejos dos séculos XIX com a Arte Nova e «Art déco», surgem revestimentos parciais, ou mais pontualmente integrais, sendo criados especificamente para integração na fachada. Igualmente aplica-se na arte azulejar:

- Azulejaria historicista e narrativa nas tonalidades de azuis e brancas.
- Aplicação do azulejo em espaços públicos, como mercados, estações de caminhos de ferro e igrejas.
- Em meados do século e por influência do Movimento Moderno Internacional de Arquitetura o azulejo regressa como revestimento arquitetónico.
- A partir da década de 1950 o azulejo começa a ser utilizado em diversas manifestações da arte pública e equipamentos urbanos, nas estações do metropolitano, muros de contenção, viadutos como iremos apresentar no capítulo seguintes.

Período de 1900 a 1940

Azulejo historicista.

Autores como Jorge Colaço (1868-1942) e Leopoldo Battistini (1865-1936) são conhecidos por transmitirem valores históricos através de azulejos de estilo revivalista. Em alusão à arte barroca de pinturas em azul e branco, retratando cenários da história nacional e regional, bem como as tradições populares. Integrando por vezes características da Art Déco, particularmente em emolduramentos.

1.2. CRONOLOGIA

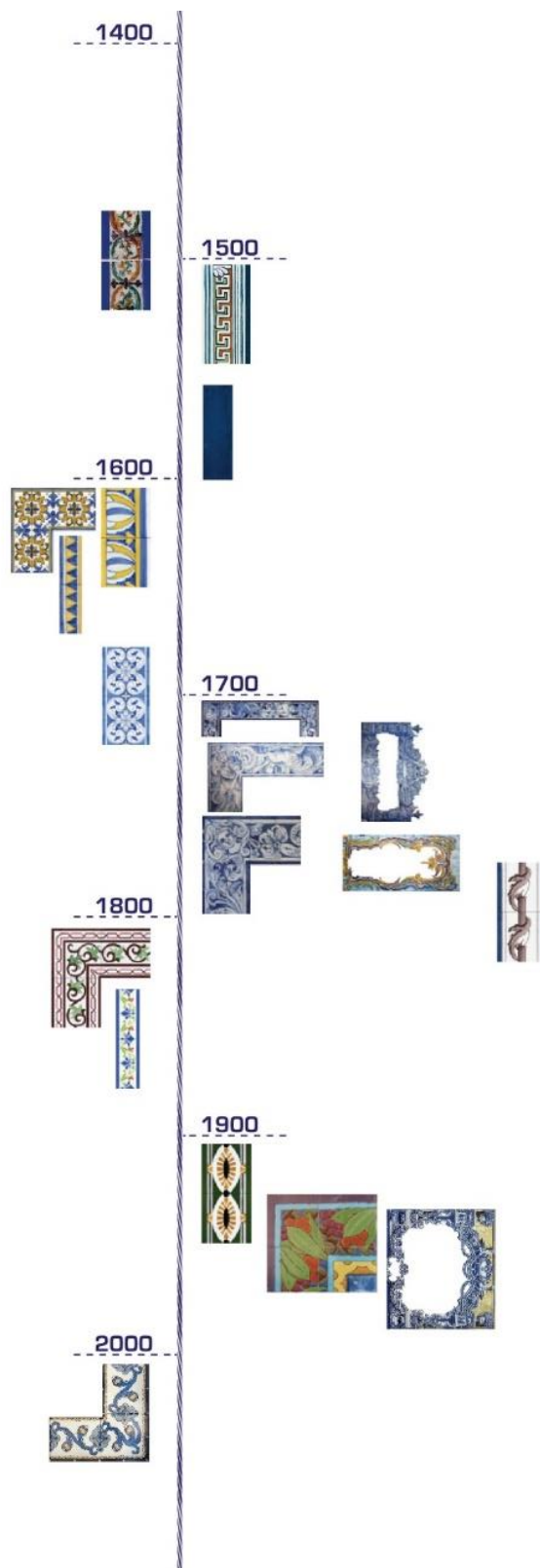


Ilustração 14 – Cronologia.

2. O AZULEJO NA ARQUITETURA DE HOJE

Neste capítulo falaremos do azulejo num contexto sustentável, da sua aplicação no edifício ao espaço público e da sua valorização na qualificação do tecido urbano, na expressão artística e criativa.

2.1. NA REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS E NAS ÁREAS URBANAS- O AZULEJO COMO UM CONTRIBUTO PARA A REABILITAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO.

Sustentabilidade é um tema fundamental no século XXI. Na arquitetura, a sustentabilidade vai influenciar uma obra desde a sua construção até o uso do futuro do projeto pela escolha dos materiais que serão utilizados. A opção de utilização de azulejos é neste contexto uma solução para uma arquitetura sustentável.

A reabilitação urbana implica ações de intervenção no contexto urbano, tem como o objetivo a melhorar o ambiente, a qualidade de vida urbana e preservando ao mesmo tempo um património, simultaneamente, salvaguardando a identidade do património do construído. Intervenções essas que se realizam a várias escalas, da escala do edifício à escala do território, em espaço Público tendo Lisboa uma série de exemplos notáveis que mais à frente iremos identificar.

O azulejo desempenha um papel significativo na reabilitação de áreas menos qualificadas nomeadamente em “Bairros Sociais” nas áreas urbanas permitindo corrigir as assimetrias sociais e imprimindo uma pedagogia cultural e artística importante no aspeto social das comunidades residentes atuando como arte urbana que permite ao mesmo tempo uma melhor manutenção do espaço público e edificado.

Em muitas áreas urbanas, especialmente em cidades com herança histórica como Lisboa, Aveiro, Porto, Alcobaça, Sintra entre outras. O azulejo é um elemento cultural relevante. Empregá-lo na reabilitação de construções antigas, contribui para manter a identidade visual e histórica dessas localidades. Ao incorporá-los em projetos novos de reabilitação urbana, os arquitetos e urbanistas encontram neste material tradicional, (mesmo com novos padrões), um elemento que funciona como elo de continuidade de uma identidade urbana de integração no contexto pré-existente.

Na escala urbana, destacamos a intervenção em Bairros cujas características arquitetónicas revelam alguma pobreza formal e degradação do edificado, por outro lado

e com um proposto idêntico, destacamos a intervenção urbana da AV. Infante Santo, dos artistas plásticos do século XX, nomeadamente; Maria Keil, Sá Nogueira, Eduardo Nery, Carlos Botelho, Júlio Pomar, Alice Jorge, e ainda mais recentemente a intervenção do artista Diogo Miranda conhecido co Add Fuel (Louvor da VivaCidade) que iremos mencionar no capítulo 3. Nesta mesma artéria urbana ainda se pode encontrar a obra de Eduardo Nery na parede do viaduto que liga a Infante Santo ao Porto de Lisboa.

Ainda na escala de espaço público e como estratégia de correção de escala das grandes infraestruturas de mobilidade territorial, como são os viadutos, as estações de metropolitano e comboios, as circulares, pontes pedonais, muros de contenção.

Temos alguns exemplo marcante na aplicação do azulejo, os painéis de azulejos da autoria de Augusto Cid²⁵ e Mónica Cid no viaduto de sete rios com o revestimento dos pilares com figuras de animais, o muro de suporte do jardim Botto Machado, Lisboa perto do Panteão Nacional, de André Saraiva²⁶, ainda em infraestruturas de transportes o caso das Estações do metropolitano de Lisboa na animação de espaços subterrâneos, nomeadamente a estação das laranjeiras do mestre Sá Nogueira, Olivais do arq. Tomás Taveira²⁷ a estação Baixa Chiado do arq. Siza Vieira, entre outros nomes das artes plásticas nacionais,

Temos ainda na escala do objeto urbano, memoriais a figuras do nosso panorama cultural e artístico, painéis comunicativos, tais como os Mapas ilustrados da cidade de Lisboa, colocados nos miradouros, como exemplo no de Santa Luzia e Castelo de S. Jorge, o mapa Mundi, no Parque urbano Monte da Caparica/Almada (obra coletiva participada pelas escolas atividade sociocultural revestimento de mobiliário urbano

²⁵ Augusto José de Matos Sobral Cid (1941-2019), foi um cartunista, caricaturista, ilustrador, escultor e publicitário português, é um dos nomes incontornáveis da história do cartoon português. A sua obra encontra-se publicada em livros, em jornais como O Independente, Semanário, O Diabo e O Século.

²⁶ André Saraiva (1971) Artista visual luso-francês que iniciou a sua carreira nos anos '80 a espalhar graffiti pelas ruas de Paris. Em Portugal no Jardim Botto Machado aplicou 46000 azulejos num mural pintados à mão, uma "reinterpretação" da cidade de Lisboa. Sendo um dos grandes símbolos nacionais na arte de azulejaria.

²⁷ Tomás Taveira arquiteto e designer português (1938-). Diplomou-se pela Escola Superior de Belas-Artes em Lisboa. sendo seguidor do estilo pós-moderno, com edifícios espelhados e elementos geométricos de cores garridas. Entre as suas obras mais signi Período de ficativas: complexo comercial e habitacional Torres das Amoreiras, o conjunto habitacional da Encosta das Oaias Prémio Valmor e Prémio Municipal de Arquitetura de Lisboa (1982), a Estação de Metro das Oaias; o edifício sede do Banco Nacional Ultramarino na Avenida de Berna. Nesta primeira fase, realizou uma arquitetura influenciada pelo Movimento Moderno.

jardins históricos (Jardim zoológico de Lisboa) entre outros, e contemporaneamente temos as novas intervenções no espaço público parque das nações Vulcões de água.

Na escala do templo religioso, temos na Igreja de Santa Maria em Marcos de Canaveses, que falaremos no capítulo 4, o Santuário de Fátima, no Galilé dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, na parede nascente, revestida por painéis de azulejos com representações de episódios da vida de São Pedro e de São Paulo, com expressões artísticas extraordinariamente notáveis da autoria de arq. Álvaro Siza Vieira.

Características físicas do material:

O Azulejo pertence a um grupo de materiais naturais renováveis e recicláveis; renovável pela sua capacidade de reinvenção e atualização do léxico artístico, reciclável pela sua capacidade de transformação e reutilização da matéria. O seu carácter sustentável enquanto Material na Construção permite uma fácil manutenção.

Perseguindo um dos objetivos desta dissertação, salienta-se neste ponto as qualidades deste material de revestimento no mundo da construção e da arquitetura- O azulejo, destaca-se na sua produção, utilização e descarte como um bom exemplo de uma economia circular, convergente com a ideia de sustentabilidade dos recursos naturais e da economia de projeto/construção, não causa impacto ambiental ao ser descartado, podendo ser reincorporado em processos produtivos similares funcionando como insumo nas etapas básicas da construção civil. Aqui se salientam alguns dos principais pontos que valorizam a utilização deste material na arquitetura contemporânea.

Caraterísticas técnicas:

Na sua constituição os azulejos, são feitos de argila, um recurso natural abundante, não tóxico que resulta da desmaterialização de rochas à superfície da terra e existe em abundância em todos os continentes, quando misturado com água este material ganha plasticidade transformando-se num material moldável designado por Barro. O barro quando exposto a altas temperaturas ou naturalmente pela exposição solar solidifica, ganhando resistência e se for vidrado aumenta essa resistência.

Na produção de azulejos a possibilidade de incorporar materiais reciclados, como vidro ou resíduos de construção torna-se uma qualidade de sustentabilidade. Enunciado alguns aspetos técnicos que confirmam estas características de sustentabilidade começamos pela matéria-prima a Argila; resistente ao fogo, não liberta fumos tóxicos

(em situações extremas), é zero alergénico, por ser um material inerte que não possibilita a proliferação de ácaros, bactérias, fungos e mofos; é também zero COV(s) o que significa que também não liberta compostos orgânicos voláteis que causam danos à saúde.

Durabilidade e resistência:

Os Azulejos são conhecidos pela sua durabilidade e resistência, o que reduz a necessidade de substituição frequente e consequentemente, o desperdício. Na reabilitação por substituição de peças parcialmente ou integralmente. De manutenção simples, é resistência a manchas e desgastes, o que lhe confere uma vida útil de longa duração.

No entanto quando removidos podem ser reciclados no final de sua vida útil, reduzindo o impacto ambiental do descarte em aterros sanitários, mas também os escombros deste material podem ser reutilizados em outras aplicações, tais como; aterros para implementação de vias pedonais ou rodoviárias, ou para a produção de novos materiais compósitos.

Desempenho térmico:

Os Azulejos cerâmicos têm boas propriedades de desempenho térmico, ajudando na regulação da temperatura interna dos edifícios reduzindo a necessidade de refrigeração artificial dos espaços. Eficiência energética na sua produção e práticas de produção responsável: As certificações de sustentabilidade, como LEED²⁸ (Leadership in Energy and Environmental Design), podem ser obtidas por fabricantes que seguem práticas de produção ambientalmente responsáveis. Os azulejos que possuem selos de qualidade, como o ISO 14001²⁹ (Sistema de Gestão Ambiental), que certifica práticas de uma gestão ambiental responsável.

²⁸ LEED (sigla em inglês) Liderança em Energia e Design Ambiental, é uma certificação para construções sustentáveis, concebida e concedida pela organização não governamental United States Green Building Council (USGBC), com intuito de promover e estimular práticas de construções sustentáveis, satisfazendo critérios para uma construção verde (Localização e Transporte, Lotes Sustentáveis, Eficiência da Água, Energia e Atmosfera, Materiais e Recursos).

²⁹ A certificação de sistemas de gestão ambiental, suportados na norma de referência ISO 14001, constitui uma ferramenta essencial para as organizações que pretendem alcançar uma confiança acrescida por parte dos clientes, colaboradores, comunidade envolvente e sociedade, através da demonstração do compromisso voluntário com a melhoria contínua do seu desempenho ambiental.

A adoção de medidas para minimizar o impacto ambiental, como a gestão eficiente de resíduos e o uso responsável da água, a implementação de sistemas de reciclagem de água são práticas que reduzam o consumo de água durante a produção. A utilização de novas tecnologias de produção, podem reduzir significativamente o consumo de energia e as emissões de CO₂. Como o uso de fornos mais eficientes e fontes de energia renovável nas fábricas.

Baixa emissão de VOCs:

Como anteriormente referenciado os azulejos geralmente não emitem compostos orgânicos voláteis³⁰, (VOCs). O uso de esmaltes e pigmentos não tóxicos e ecológicos na fabricação dos azulejos, contribuído assim para uma qualidade do ar interior, mais saudável, nos ambientes construídos. O azulejo e as peças de cerâmica, geralmente não emitem toxinas ou produtos químicos nocivos.

2.2. O AZULEJO COMO EXPRESSÃO PLÁSTICA NA ARQUITETURA E NAS ARTES DECORATIVAS.

Os azulejos têm uma extensa tradição de uso, não apenas como material de construção, mas também como meio de expressão artística e de identidade cultural. Como unidades de composição estereotómica, possuem uma versatilidade notável que ultrapassa a sua função prática. Eles são elementos que possuem grande potencial comunicativo e estético. Desempenhando um papel crucial na transformação e na percepção dos ambientes, provoca emoções e gera ilusões de espaço. O azulejo como unidade de composição estereotómica permite uma multiplicidade de padrões, de composição plástica e comunicativa. Enquanto comunicação, como contador de narrativas; lúdicas, religiosas, retratando cenas históricas, culturais ou simplesmente criando composições com carácter artístico. Os azulejos podem ser usados como elementos decorativos exaltando a beleza dos espaços, sendo muito mais do que simples material de revestimento, contribui para criar uma identidade de Lugar.

³⁰ Os compostos orgânicos voláteis (VOCs, na sigla em inglês) são uma das substâncias mais tóxicas que nos cercam no nosso dia a dia. Assim como acontece com os poluentes orgânicos persistentes, às vezes nem nos damos conta da sua existência. Os VOCs mais presentes no meio ambiente são benzenos, tolueno e estireno.

Na composição de variados padrões, geométricos, complexos ou simples, desenhos artísticos, figurativos ou abstratos, cada composição em azulejo pode ser única, esta capacidade de personalização, faz com que os azulejos sejam muito utilizados no mundo das artes plásticas incluindo os arquitetos, podendo ser uma forma de expressão de autor. A criatividade na composição de padrões e na utilização de azulejos é praticamente infinita. A composição permite trabalhar com diferentes texturas, cores e formas, desenvolvendo uma capacidade de manipulação da percepção do observador /utilizador dependendo do seu ponto de vista e a da incidência luz sobre a superfície. Tendo uma capacidade de enriquecimento formal dos espaços, interiores ou exteriores, criando atmosferas de qualidade arquitetónica.

Os painéis na Avenida Infante Santo em Lisboa ilustram um exemplo de como integra a arquitetura, a azulejaria e a arte pública, torna a arte acessível a todos e como esta é uma solução de qualificação de espaço publico.

Os conjuntos de painéis azulejares, integram o conjunto habitacional (1955-1960) no emblemático projeto da arquitetura moderna portuguesa Ilustração 15, da autoria dos arquitetos Alberto José Pessoa (1919-1985), Hernâni Gandra (1914-1988), João Abel Manta (1925). Estes quatro espaços de revestimentos são representativos da história da cerâmica azulejar contemporânea em Portugal. Aprovadas em 1957 pela Comissão de Arte da Câmara Municipal de Lisboa, as maquetas dos quatro primeiros painéis de azulejo, iniciaram a sua produção em 1958, nas fábricas de cerâmica Viúva Lamego³¹ e na Fábrica Sant'Anna³².

Aplicados nos acessos de ligação entre a avenida Infante Santo e os quatro blocos de habitação, revestindo os planos na estrutura pré-existente (muros de contenção), que integram o suporte as escadarias exteriores transversais, os painéis azulejares foram

³¹ Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego fundada por António da Costa Lamego em 1849, também designado por Edifício no Largo do Intendente, n.º 23 a 27, Lisboa. Atualmente este edifício é para exposições e venda de azulejos, a atividade fabril da empresa, foi deslocada para a Abrunheira, Sintra. A principal referência na produção de azulejaria em Portugal, embaixadora da cultura portuguesa no mundo, com projetos icónicos de arte pública e na arquitetura. A fábrica é um espaço aberto de criação artística de designers e arquitetos, nacionais e internacionais. Com técnicas de produção artesanal, com o desenvolvimento constante de novas abordagens e técnicas, privilegiando sempre a inovação e a sustentabilidade. Os artesãos da Viúva Lamego continuam a recorrer à pintura manual a partir de criações de autores e desenvolver novos produtos que perpetuam a integração do azulejo na Arquitetura nacional e internacional.

³² Fábrica Sant'Anna. Fundada em 1741 em Lisboa, na Rua de Sant'Anna à Lapa. A última grande fábrica de azulejos e faianças artesanais da Europa. Recuando, mas devido ao crescimento urbanístico, no início do século XX, foi obrigada a deslocar-se para a Rua da Junqueira, Lisboa onde durante 20 anos laborou. Atualmente as suas instalações são na Calçada da Boa Hora, Lisboa onde continua a produzir com as mais antigas técnicas tradicionais portuguesas.

idealizados por um conjunto representativo de artistas do período modernista, nomeadamente; Rolando Sá Nogueira, Maria Keil, Carlos Botelho e Alice Jorge, em parceria com Júlio Pomar. Atualmente são cinco os conjuntos de intervenções na história da cidade de Lisboa.



Ilustração 15 – Conjunto Habitacional da Avenida Infante Santo, Lisboa, 1955-1960, perspectiva geral. Alberto José Pessoa, Hernâni Gandra e João Abel Manta (arquitetura), Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

Atualmente são cinco os painéis murais e o revestimento do viaduto na mesma avenida. Constituem um dos melhores conjuntos de arte da azulejaria e das mais celebres intervenções na história da cerâmica azulejar.

PAINEL DE AZULEJOS | SÁ NOGUEIRA.

Revestimento: Azulejos

Autoria: Sá Nogueira.

Fabrico: Fábrica Sant'Anna.

Datação:

Técnica: Faiança policroma com recurso a majólica e corda-seca.

Painel de azulejos produzido na Fábrica Sant'Anna, com técnica faiança policroma com recurso a majólica e corda-secada autoria do pintor Sá Nogueira³³

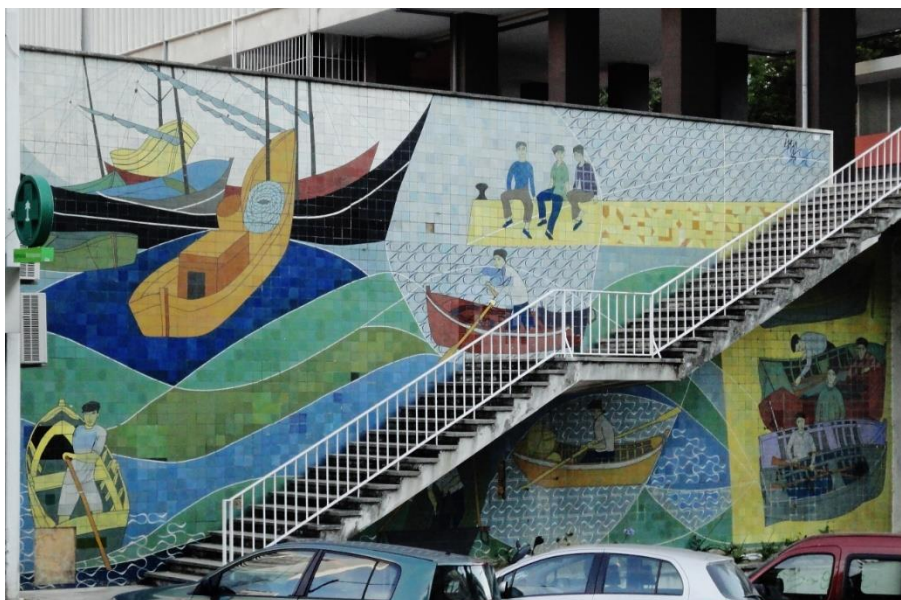


Ilustração 16 – Painel de Rolando Sá Nogueira 1959, Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

³³ Rolando Augusto Bebiano Vitorino Dantas Pereira de Sá Nogueira (1921- 2002), foi um pintor e professor; pertence à terceira geração de artistas modernistas portugueses. Emergindo no período de afirmação das correntes neorrealista e surrealista em Portugal, Sá Nogueira percorre um caminho autónomo relativamente a ambas. Entre 1969 e 1975 colabora no ateliê do arquiteto Francisco da Conceição Silva, fazendo intervenções plásticas e coordenando as opções cromáticas de projetos arquitetónicos.



Ilustração 17 – Pormenor do painel de Rolando Sá Nogueira. (Ilustração nossa, 2024).

PAINEL DE AZULEJOS | MARIA KEIL | O MAR |

Revestimento: Azulejos

Autoria: Maria Keil

Fabrico: Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Datação: 1958-1959

Técnica: Faiança com recurso a majólica e estampilhagem.

Painel de azulejos produzido na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, com técnica de faiança com recurso a majólica e estampilhagem, a aplicação do 1º painel (1958-1959), após destruição do primeiro, o painel atual é uma réplica aplicado em (2003), devido ao original encontrava-se muito danificado e atualmente guardado nas Reservas do Museu da Cidade.

No ano de 1956, Maria Keil³⁴, faz os primeiros esboços para o painel “O mar” na avenida Infante Santo e recebe a encomenda dos azulejos para o revestimento das estações do Metropolitano de Lisboa. O painel “O Mar” (1959), desenhado pela pintora, representa O Mar com barcos, conchas, búzios e destaca na composição a figura de um pescador com uma criança ao colo e um barco na mão em alusão à Lisboa ribeirinha. O painel interliga-se com a escada existente, sendo uma obra de referência na reintegração moderna do azulejo no meio urbano e arte pública.

³⁴ Maria keil (1914-2012). Pintora, ilustradora, realizou uma obra vasta e diversificada em desenho, ilustração, azulejo, artes gráficas, mobiliário, tapeçaria, cenografia, pertence à 2ª geração de pintores modernistas portugueses. Uma vertente marcante da sua obra e onde mais se distinguiu foi o azulejo, em que começa a trabalhar no início da década de 1950. tornar-se numa das principais figuras da renovação moderna nessa área. Da sua vasta produção pode destacar-se o painel de azulejos “O mar”, na Avenida Infante Santo, em Lisboa, e a extensa colaboração para o Metropolitano de Lisboa.



Ilustração 18 – Maria Keil, painel de azulejo O Mar, Avenida Infante Santo, Lisboa, 1956-1958. (Ilustração nossa, 2024).

PAINEL DE AZULEJOS | JÚLIO POMAR E ALICE JORGE

Data: 1958 - 1959

Revestimento: Azulejos.

Autoria: Júlio Pomar e Alice Jorge.

Fabrico: Fábrica Sant'Anna.

Técnica: Faiança com recurso a majólica e estampilhagem.

Painel de azulejos produzido na Fábrica Sant'Anna, com técnica de faiança com recurso a majólica e estampilhagem (1958-1959). Obra assinada por Júlio Pomar³⁵ e Alice Jorge³⁶, uma composição em tons suaves que junta figuras típicas da Lisboa dessa época.



Ilustração 19 – Painel De Azulejos de Alice Jorge e de Júlio Pomar (1958). Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

³⁵ Júlio Pomar Júlio Artur da Silva Pomar (1926 - 2018) foi um artista plástico e pintor português. Pertenceu à 3ª geração de pintores modernistas portugueses, sendo autor de uma obra multifacetada, centrada na pintura, desenho, cerâmica e gravura, com importantes desenvolvimentos nos domínios da tridimensão (escultura; assemblage) e da escrita.

³⁶ Alice Jorge. Maria Alice da Silva Jorge (1924-2008) foi uma pintora, gravadora e ceramista portuguesa. Pertence à terceira geração de artistas modernistas portugueses. Na sua obra inicial aproximou-se do neorrealismo, evoluindo depois noutras direções, até à abstração.



Ilustração 20 – Pormenor do painel de azulejos de Alice Jorge Júlio Pomar, Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

PAINEL DE AZULEJOS | CARLOS BOTELHO

Data: 1958 - 1959

Revestimento: Azulejo.

Autoria: Carlos Botelho.

Fabrico: Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Técnica: Faiança com recurso a majólica.

Painel de Azulejos de autoria de Carlos Botelho³⁷ produzido na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, Lisboa(1958-1959), técnica aplicada faiança com recurso a majólica. Este painel de integra um dos planos do revestimento nas escadarias.



Ilustração 21 – Carlos Botelho, painel de azulejo Cidade Colorida, Avenida Infante Santo, Lisboa, (Ilustração nossa, 2024).

³⁷ Carlos António Teixeira Basto Nunes Botelho (1899 - 1982), foi um pintor, ilustrador e caricaturista. A sua atividade desenvolveu-se ao longo de um período dilatado do século XX e repartiu-se por uma multiplicidade de atividades. Nos anos de 1920 Botelho foi um dos pioneiros da banda desenhada nacional, trabalhou em artes gráficas e no desenho de humor; desenvolveu uma obra plástica autónoma que o destaca como uma das figuras maiores da 2ª geração de pintores modernistas portugueses.

PAINEL DE PLACAS CERÂMICAS | EDUARDO NERY

Data: 1993 -1994

Revestimento: Placas cerâmicas.

Autoria: Eduardo Nery.

Fabrico: Fábrica SECLA, Caldas da Rainha e coordenação da Fábrica Aleluia, Aveiro.

Técnica: Cerâmica moldada.

Esta obra, encomendada no âmbito da Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura, traduz a primeira obra pública do Eduardo Nery³⁸. Este trabalho integrado no muro “parede” cortada por uma escadaria exterior, revestida com um painel cerâmico relevado, assente numa superfície recuada e outra mais avançada no plano, Ilustração 22 utilizando uma técnica de moldagem as peças cerâmicas, em forma de cunha quadriculada, com a dimensão de 30x30 cm, com uma altura máxima de 8 cm e com três tons de laranja, a forma dá a possibilidade de quatro posições diferentes de assentamento, que produzem distintos ritmos visuais, consoante a localização do observador e a incidência da luz sobre a superfície cerâmica. É evidente a inquietação do autor em tirar partido do elemento cerâmico enquanto peça refletora de luz e da sua plasticidade. A produção foi realizada pela Secla Cerâmicas, Caldas da Rainha, com a coordenação da Fábrica Aleluia (1993-1994).

³⁸ Eduardo Nery (1938-2013). notável pintor, arquiteto e artista português, cuja obra eclética e inovadora deixou uma marca indelével na arte contemporânea. traçou um percurso desde a tapeçaria, o vitral até a fotografia e a azulejaria, fundiu essas disciplinas de forma única artística, rica e diversificada. Explorou uma ampla gama de técnicas e estilos ao longo da sua carreira.



Ilustração 22 – Eduardo Nery, painel de azulejo, Avenida Infante Santo, Lisboa, (Ilustração nossa, 2024).

No séc.XXI surgiram novos revestimentos em azulejo, que seguidamente enunciamos. Surge na mesma via, uma outra intervenção do artista plástico Eduardo Nery o revestimento em azulejo na estrutura pré-existente, nas paredes do viaduto rodoviário que cruza a Avenida Infante Santo e Avenida Cintura do Porto de Lisboa, produzidos pela Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego (2000-2002) aplicada a técnica de faiança. reveste a totalidade das paredes interiores do viaduto recorrendo a todas as cores do espectro solar incluindo também o branco e o preto Ilustração 23.

A sucessão cromática aposta em todas as cores do arco-íris, com grande intensidade, muito saturadas, com utilização de negro e branco, definindo, por um lado, superfícies sem interrupções e, por outro, modelações pelo contraste entre luminosidades e complementaridades das cores entre si, em mecanismo óptico abstracto. (HENRIQUE, 2003 p. 26)

As grandes barras de cor distribuídas na vertical, que variam consoante a largura das faixas verticais adaptam à cantaria do viaduto originando diversos ritmos, na relação das cores entre si, criando perceções diversas no observador, pode ser fruída ou "sentida" por quem percorre de carro como por quem percorre lateralmente a caminhar, num plano superior Ilustração 25, nas ruas que acompanham o túnel central do viaduto. O jogo de proporções de altura e largura da mancha cromática, reforça a vontade de destruir a homogeneidade estática parietal do preexistente, dando lugar a uma superfície onde a ondulação pode surgir, em determinados pontos de observação.

[...] a escala é um problema de proporções, é uma questão de ângulo de vista, percurso, mas também uma questão de proporção em relação à arquitectura. Ali não há arquitectura, é uma obra de engenharia, mas é um espaço público, mesmo sem a relação com a arquitectura. Há pouco falava nisso, relativamente às fachadas, porque a proporção e a escala estão intimamente ligadas com a relação, mas também com o efeito. Qual é o efeito? Na Infante Santo o efeito que se pretendia era animar fortemente o percurso dos automobilistas, mais ainda, era usar variações, tantas e tais que a pessoa que passa ali todos os dias não se canse de pressa de ver sempre a mesma coisa. A hipótese de que eu tinha repetido o espectro sempre, igual, é mais fácil, e fiz mais difícil, que são as variações constantes. (Saporiti, 2000 p. 257 e 258).

De acordo com Paulo Herinque:

A linguagem de abstracção óptica, desenvolvida por Eduardo Nery, adequasse de modo excepcional a esta intenção de transformar os revestimentos em azulejo como presença sensível nos espaços construídos, integrando-os e qualificando-os esteticamente, em absoluto respeito pelo lugar. (HENRIQUE, 2003 p. 23)

PAINEL DE AZULEJOS | EDUARDO NERY

Data: 2000 - 2002

Revestimento em Azulejo de viaduto e paredes.

Autoria: Eduardo Nery.

Fabrico: Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, Sintra.

Técnica: Faiança.



Ilustração 23 – Viaduto Av. Infante Santo, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 24 – Luminosidade e reflexos. (Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 25 – Observação no plano superior. (Ilustração nossa, 2024)..

Painel de Azulejos | Add Fuel - Diogo Machado.

Data: 2000 - 2002

Revestimento: Azulejo.

Autoria: Diogo Machado.

Fabrico: Revigrés.

Técnica: Faiança.

Nos meados de 2019, existia apenas uma escadaria na Av. Infante Santo que ainda não tinha sido revestida, encontrava-se em betão aparente. Foi criação da street artist Add Fuel “Diogo Machado” que projetou o mural em azulejo com o conceito “Louvor da Vivacidade” Ilustração 26. O artista encontrou inspiração nos 4 painéis vizinhos, homenageando à Freguesia da Estrela.



Ilustração 26 – Mural em azulejo “Louvor da Vivacidade. ilustração nossa 2024.



Ilustração 27 – Detalhe de textura relevada. (Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 28 – Pormenor do azulejo padrão. (ilustração nossa 2024).



Ilustração 29 – Plasticidade e reflexos de luminosidade. (ilustração nossa 2024).

A arquiteta e ceramista Maria Ana Vasco Costa³⁹ faz menção a entidade cultural do azulejo no site Espaço Arquitetura. "Não conheço mais nenhum país no mundo com tanta cerâmica de fachada. Portugal é o país com maior tradição, seja o azulejo pintado, vidrado ou relevado" (COSTA),

Como um elemento de caracterização espacial, o azulejo desempenha um papel fundamental que influenciam a percepção e criam emoções.

³⁹ Maria Ana Vasco Costa (1981), é uma ceramista portuguesa conhecida pelos seus azulejos tridimensionais. formou-se em Arquitetura na Universidade de Lisboa, em 2004. Entre 2017 e 2019, foi artista residente da Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. premiada nas edições de 2016, 2017 e 2018 nos Surface Design Awards.

Os Azulejos apoiam Intervenções Artísticas: Servem como suporte para murais e painéis decorativos, enriquecendo o espaço urbano com obras de arte pública acessíveis a todos, tem um papel crucial, atuando como um elemento de que afeta a percepção espacial. O pintor Manuel Cargaleiro⁴⁰ (1927-2024) criou uma linguagem marcante no mundo artístico pela combinação da cerâmica e da pintura, através de jogos entre cor, luz e sombra. As suas obras são fortemente caracterizadas pelo recurso à geometria e à linguagem abstrata, A exploração da cor é uma das principais características da sua obra, por revelar sentimentos e criar diversos espaços numa só composição. Denota-se a influência do azulejo tradicional português, pela repetição dos quadriláteros e o uso de cores como azul e branco. Além da pintura e cerâmica, explorou o desenho, a escultura, a tapeçaria e a gravura. Na citação de Manuel Cargaleiro fala das suas duas práticas de ceramista e pintor.

Comecei a minha vida de artista como ceramista e sou ceramista mesmo quando faço pintura a óleo. Não consigo imaginar uma coisa sem a outra. As minhas duas práticas, claro que se influenciam mutuamente. Não posso esquecer todos os meus conhecimentos sobre a história da faiança ou sobre a decoração mural quando pinto, assim como não esqueço a minha cultura pictórica quando crio em cerâmica. Está tudo muito ligado, e é isso que constitui a minha especificidade. Eu não copio os meus quadros nos azulejos: pinto diretamente sobre a faiança, sem desenho prévio, como numa tela.» (LASCAUT, 2003).

⁴⁰ Manuel Cargaleiro nasceu a 16 de março de 1927, Em 1940, ingressou na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e participou na Primeira Exposição Anual de Cerâmica, no Palácio Foz, em Lisboa, onde realizou igualmente a sua primeira exposição individual de cerâmica, no ano de 1952, na década de 70 que o artista explorou o geometrismo ao complementar estruturas simples, que utilizara anteriormente, com composições figurativas e abstratas. Neste sentido, formas geométricas são utilizadas na estilização de motivos vegetais, na construção de paisagens arquitetónicas e em padrões que aludem ao *patchwork* ou lembram painéis de azulejos. No entanto, de forma excepcional, o mestre Cargaleiro quebra a rigidez e a formalidade características dos elementos geométricos ao aliá-los a uma dinâmica *expressionista*. Fonte: Fundação Manuel Cargaleiro.

2.3. OBRAS DE ARQUITETOS NOTÁVEIS

O Modernismo no azulejo em Portugal, manifesta-se com os padrões do arquiteto Raul Lino⁴¹, desenhados entre 1907 e 1915, numa linguagem rigorosa de abstração geométrica, por vezes com origem em formas naturais. Este movimento afirmou-se a partir de 1933, com a Política de Espírito do Estado Novo, que recuperou o azulejo como elemento de identificação cultural. Um espírito moderno, associado a uma arquitetura funcionalista internacional, surgiu cerca de 1950, sendo Maria Keil, que falaremos na sua obra na Av. Infante Santo, Lisboa. Entre 1959 e 1972, dos revestimentos das primeiras estações do Metropolitano de Lisboa. No mesmo período afirmou-se uma geração de ceramistas modernos como Manuel Cargaleiro, Cecília de Sousa, em Lisboa, e Júlio Resende no Porto. Por volta de 1980, surgiu no nosso país uma expansão de diversidade, em parte, devido aos crescimentos das novas linhas e construção das estações do Metropolitano de Lisboa.

De salientar a importância do arq. Porfírio Pardal Monteiro⁴² que projetou um conjunto de obras de linguagem 'Déco' influenciado pela viagem a Paris, em 1925, na visita a 'Exposition des Arts Décoratifs et Industriels Modernes' que originou o início da intervenção de artistas na sua arquitetura. O edifício da Rua do Vale do Pereiro Ilustração 30, em Lisboa, é uma obra de grande importância no contexto da arquitetura portuguesa e da integração das artes no Movimento Moderno. Fundamenta o uso do azulejo, na seguinte citação:

[...] dentro de uma expressão francamente de espírito novo, tirar partido do revestimento de azulejo [...] que infelizmente se acabou por fazer tão má aplicação pela falta de sentido estético que redundou na satisfação apenas de objectivos de ordem económica e portanto anti artísticos [...] não parece desacertado que se tente, não a reprodução dos seus antigos modelos, mas a criação de novas interpretações estéticas, integrando-o

⁴¹ Raul Lino da Silva arquiteto português nasceu em Lisboa (1879 -1974), defendeu a tradição na conceção das formas, afirmando que a arte e a arquitetura são elas também um produto do homem e para os homens, com história, genealogia, características e funcionalidades próprias do espaço e do tempo em que se inserem e da comunidade para que são produzidas. Um defensor da tradição versus modernismo ou um modernista da tradição. Ao longo da sua vida, projetou mais de 700 obras, tais como a Casa dos Patudos, em Alpiarça, para José Relvas (1904), a Casa do Cipreste, em Sintra (1912), o Cinema Tivoli, em Lisboa, (1925), o Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português de 1940.

⁴² O arquiteto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), nasceu em Pero Pinheiro (Sintra). Estudou arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde se formou em 1919.). Estudou arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde se formou em 1919. Em 1920 tornou-se assistente no Instituto Superior Técnico, passando a professor catedrático em 1942. A sua colaboração com o arquiteto Ventura Terra marcou o período inicial da sua vasta obra profissional. A influência da gramática da arte déco está patente numa das principais obras realizadas neste período, a Estação do Cais do Sodré (1925-1928).

mais no todo da composição, procurando que o conjunto constitua para cada caso uma peça e uma só [...] Pardal Monteiro citado por (HENRIQUES, 2000 p. 71)

O revestimento com azulejos concebidos por José de Almada Negreiros, é frequentemente destacado como a primeira obra que reintroduziu o uso expressivo e moderno do azulejo na arquitetura portuguesa. Concluído em 1949, este prédio de habitação coletiva marca um momento importante na história da arquitetura e decoração em Portugal, sendo valorizado pelo uso de azulejos que vão além de um ornamento secundário, algo incomum na época, em que o azulejo se limitava geralmente a pequenas intervenções como varandas ou platibandas. Nesse sentido, a obra representa uma espécie de "resistência" (MECO p. 249) ao abandono do uso do azulejo como elemento significativo na arquitetura portuguesa, como defendeu o historiador de arte José Meco. Este projeto é considerado precursor de uma tendência que só viria a ganhar força na arquitetura portuguesa na década de 1950, aplica o azulejo nas suas obras de uma forma artística e integradora. Não prendendo aqui ser exaustivo quanto à questão do declínio do uso do azulejo nos anos anteriores à construção deste edifício não podemos deixar de referir a questão do declínio do uso do azulejo. No seu livro sobre a cidade de Lisboa o arq. Keil Amaral descreve o "abandono" do azulejo em Portugal "A quase ausência de utilização do azulejo foi justificada pelo arquiteto Keil do Amaral pelo facto de "no segundo quartel do século XX, essa maneira de revestir fachadas cessou, praticamente na Capital. Chegou a ser proibida pela municipalidade, ao que parece com base em receios e recriminações dos bombeiros. (AMARAL, 1969 p. 170).



Ilustração 30 - Edifício na Rua do Vale do Pereiro, (Lisboa, 1946-1949).

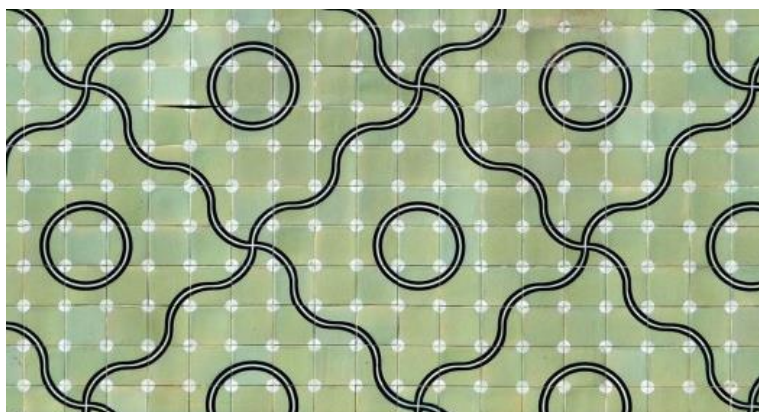


Ilustração 31 - Pormenor do azulejo padrão. (Lisboa, 1946-1949).

Igualmente projetou em 1924 a Estação Ferroviária do Cais do Sodré inaugurada em 1928. Destacam-se os painéis de azulejos patentes na fachada, que traduzem alegorias de culto ao trabalho e à máquina, idealizando símbolos mecânicos associados à noção de "Progresso".

O arq. Jorge Segurado⁴³ nas suas intervenções no uso do azulejo, ressalta na obra da Casa da Moeda, Lisboa (1933), aplica um revestimento de fachada com o tijolo vidrado com tom verde Ilustração 32, na mesma cidade, o conjunto arquitetónico da praça-cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América, com a Avenida de Roma, ou ainda o chamado Complexo Interdisciplinar do Instituto Superior Técnico, os painéis criados para as representações portuguesas em exposições internacionais, que incorporaram o azulejo como elemento inovador e central.

⁴³ Jorge de Almeida Segurado (1898 -1990) arquiteto português. começou nos anos vinte na "Art Déco" para evoluir na década seguinte para a primeira linguagem modernista da Arquitetura Portuguesa, discípulo do arq. Raul Lino. Integrado no "Grupo dos Cinco" (Carlos Ramos, Cassiano Branco, Cristino da Silva, Pardal Monteiro e Jorge Segurado). Um dos pioneiros da implementação da linguagem modernista na arquitetura portuguesa. A partir do final da década de 1930 as suas obras neo-tradicional do Estado Novo, que desenhou por vários anos. Mais tarde regressa a linguagem modernista inicial, influenciado pela arquitetura internacional. Destaca-se das suas obras o conjunto arquitetónico da praça-cruzamento da Avenida dos Estados Unidos da América com a Avenida de Roma e chamado Complexo Interdisciplinar do Instituto Superior Técnico.



Ilustração 32 - Casa da Moeda, Lisboa; (Fotografia: Manuelvbotelho, 1985), <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=23558701>

Na arte azulejar outros arquitetos notáveis da cidade do Porto como o arq. Fernando Távora e José Loureiro que valorizaram a aplicação do azulejo nas suas obras. “A utilização de azulejaria moderna na arquitectura foi muito incentivada por outros arquitetos, como Fernando Távora e José Loureiro, no porto” (MECO, 1985 p. 90)

2.4. .FUNÇÃO, IDEIA E DECOMPOSIÇÃO

Qualidades técnicas do material: enquanto material cerâmico, o azulejo oferece vantagens práticas que o tornam especialmente adequado para espaços públicos, a inclusão no exterior em edifícios e murais confere-lhe uma aparência mirífica. A sua durabilidade e resistência as condições climáticas adversas fazem dele uma escolha sustentável e duradoura, especialmente em contextos exteriores, mantendo as cores incólumes face ao sol. A superfície vidrada facilita a limpeza e a manutenção, mantendo o aspeto original ao longo do tempo. Essas características permitiram que o azulejo se consolidasse como um elemento estético e funcional, que enriquece o espaço público e proporciona um ambiente mais agradável e distintivo,

Quando em arquitectura se recorre ao azulejo, isso deve-se tanto de ordem decorativa como prática. O azulejo permite obter uma superfície higiénica. Fácil de limpar e onde a água não penetra. Retarda a propagação do fogo, embora possa ajudar a refletir o calor. (Lemmen, 1994 p. 11)

O azulejo tem uma particularidade na decomposição de um conceito ou imagem: podem ser fragmentados em pequenas unidades, que ao serem integrados contribuem para o entendimento do todo e assim recriam uma ideia mais ampla. Em vez de se ver cada azulejo como uma peça isolada, eles funcionam como pixels. Essa abordagem é vista, por exemplo, nas obras de Almada Negreiros⁴⁴, que explorou o azulejo para construir composições dinâmicas e abstratas Ilustração 33.

⁴⁴ José Sobral de Almada Negreiros (1893-1970), conhecido como Almada Negreiros, foi um dos artistas mais proeminentes da cultura portuguesa, escritor, poeta, pintor, desenhista, cenógrafo, ator e teórico d arte, que desempenhou um papel fundamental na evolução da cultura contemporânea em Portugal, tanto nas artes plásticas quanto na literatura. figura central do modernismo português, um movimento artístico e literário que emergiu no início do século XX e que procurava romper com as convenções tradicionais e explorar novas formas de expressão.

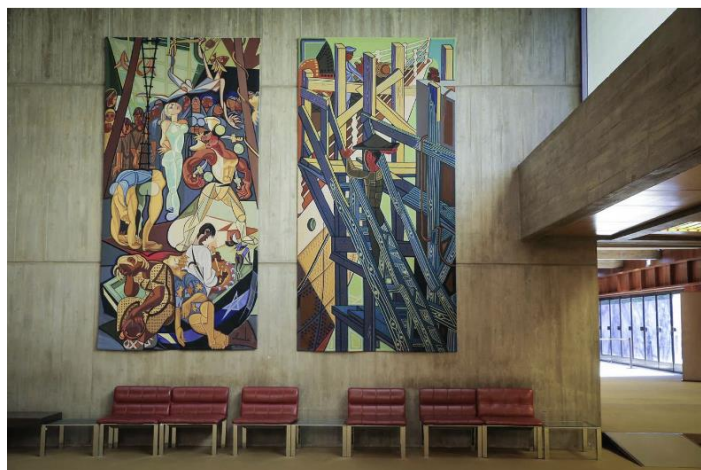


Ilustração 33 - Fundação Calouste Gulbenkian, edifício sede, zona de congressos,. (Fotografia de Carlos Azevedo, Lisboa, 2017).

No modernismo português, a decomposição no azulejo relaciona-se com a ideia de movimento e como unidade fragmentada de um todo, sugerindo que cada parte da obra possui identidade e valor próprios. Cada azulejo atua quase como uma "cena" que, ao ser lida em sequência, narra uma história visual. Esse método é especialmente relevante em painéis de grandes dimensões, como os que se encontram em estações de comboio ou edifícios públicos, a sua leitura visual remete para uma narrativa histórica ou simbólica, conduzindo o espectador no tempo e ao lugar.

A decomposição permite ainda a exploração da textura e da profundidade visual através de técnicas de relevo e de variação cromática nos azulejos. Artistas como Jorge Barradas⁴⁵, Júlio Resende⁴⁶ e Querubim Lapa⁴⁷ Ilustração 34 aproveitaram essa qualidade para criar composições que estimulam o olhar, utilizando a repetição e a variação para sugerir uma profundidade e uma vitalidade únicas.

⁴⁵Jorge Nicholson Moore Barradas (1894-1971), ou "Barradinhas" de alcunha, foi um pintor, ceramista, ilustrador e caricaturista português. Pertence à segunda geração de artistas modernistas portugueses, tendo participado nas primeiras tentativas renovadoras na arte portuguesa do século XX.

⁴⁶Júlio Martins Resende da Silva Dias (1917-2011) foi um pintor de transição entre a figuração e a abstração, que apresenta uma forte feição lírica, de um modo pessoal e sincrético reflexões sobre experiências plásticas diversas, como o expressionismo, o geometrismo, o gestualismo, a não-figuração ou o neo-figurativismo. A estação de Metropolitano de Sete Rios.

⁴⁷Querubim Lapa de Almeida (1925-2016). Pintor, desenhador e gravador, autor de trabalhos de tapeçaria, é reconhecido sobretudo como um dos mais importantes ceramistas portugueses, com soluções plástica e tecnicamente inovadoras, destacando-se os seus inúmeros painéis para espaços públicos (assinalem-se, por exemplo, os painéis que criou para a Reitoria da Universidade de Lisboa, 1961, o terraço Avenida da Índia, Lisboa, 1994, ou para a Estação Bela Vista, do Metropolitano de Lisboa, 1998).

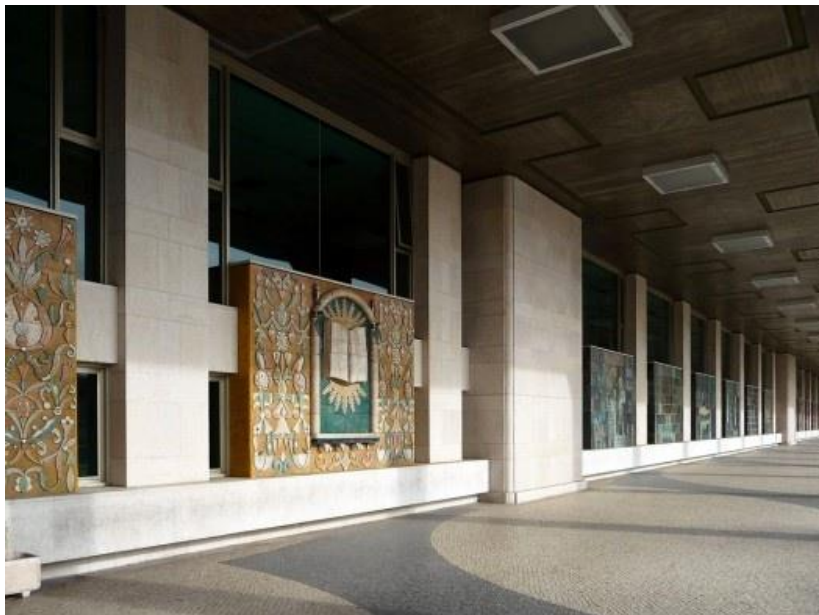


Ilustração 34 - Palácio da Justiça de Lisboa, 1962-1970, perspectiva da galeria com painéis cerâmicos de Jorge Barradas, Júlio Resende e Querubim Lapa. João Andresen e Januário Godinho (arquitetura). (Ilustração nossa, 2024).

Assim, "o azulejo como ideia-decomposição" oferece uma possibilidade de ver a arte e arquitetura como espaços de interação entre o fragmento e o todo, onde cada azulejo é um elemento que, decomposto e reorganizado, conta uma história ou conduz um conceito. Esta abordagem eleva o azulejo de um elemento decorativo a uma linguagem artística.

A EXPERIÊNCIA SENSORIAL, EM 4 OBRAS DE SIZA VIEIRA.



Ilustração 35 – Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira.



Na segunda metade do século XX o uso do azulejo obteve uma crescente importância como material de composição nas artes plásticas; junto de arquitetos do modernismo e de artistas plásticos, como foi falado no capítulo anterior. Também como património cultural O Azulejo se destaca na qualificação de imagem das cidades portuguesas. Na geração de arquitetos contemporâneos, damos relevo neste trabalho, à obra do arquiteto Siza Vieira [Ilustração 35], selecionando, para o estudo que aqui se propõe desenvolver em torno deste material, quatro obras, quatro situações diferenciadas na aplicação do Azulejo isolando em cada uma as principais características “funcionais” que conduziram a opção de projeto.

Autor reconhecido internacionalmente, integra na sua obra o valor deste material de revestimento, evidenciando as qualidades plásticas e técnicas especiais do Azulejo assim como o seu valor enquanto documento de identidade histórica nacional, marcando uma tradição na arquitetura Portuguesa.

A preferência que gradualmente o Arquiteto tem dado à utilização do azulejo na sua obra, enquanto elemento de caracterização do espaço parte, das características deste material na sua capacidade de refletir a luz, em matizes que variam ao longo do dia num

estudo que depende da sua cor, da incidência da luz sobre as superfícies e da intensidade desta. Esta qualidade de transformação transformam o ambiente, dando origem a novas atmosferas ao espaço, tornando-o dinâmico. Os reflexos da luz no azulejo ajudam a construir uma atmosfera local e uma conexão com o observador. “Mal sei que materiais escolher. As ideias vêm-me imateriais, linhas sobre um papel branco; e quando quero fixá-las tenho dúvidas, escapam, esperam distantes.” (VIEIRA, 2009).

A primeira obra onde o arquiteto Siza aplica o azulejo, como revestimento integral de paramentos exteriores Ilustração 36 é no complexo Residencial da Boavista⁴⁸ (1991-1998), ainda numa fase onde o branco domina a sua obra, pelo que a opção ainda é a utilização do azulejo pelas suas qualidades funcionais (de manutenção e custos), ainda de modo experimental, aplica o azulejo, seguindo a sua paleta de cor onde o Branco domina, garantindo o jogo de luz (claro/escuro) marca da sua linguagem formal. De acordo com Siza "O azulejo permite iluminar a arquitetura, dar-lhe profundidade, enriquecer a parede. É um elemento com tradição que traz consigo história e textura, mas que ao mesmo tempo se adapta e reinventa em cada nova obra".

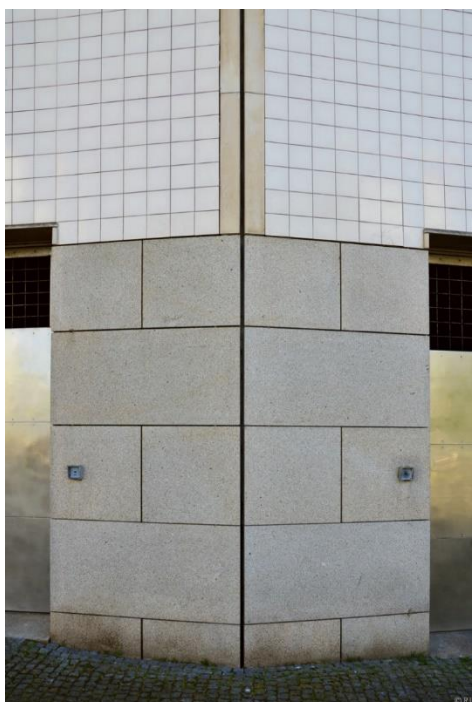


Ilustração 36 – Detalhe na aplicação de azulejo branco na fachada sul no Complexo Residencial da Boavista, Porto (1991-1998)

⁴⁸ Localização: Rua José Gomes Ferreira 230-316, 4150-598 Porto, Portugal.

Devo recordar que o azulejo era utilizado no interior de um conjunto coerente de elementos arquitetónicos. No Porto, por exemplo, encontra-se sempre o granito em volta das janelas e em faixas horizontais que separam os pisos. Forma quadros no interior dos quais são pousados os azulejos. Os elementos de granito existiam por razões inicialmente construtivas, mas também por razões de pesquisa formal. [...] Como todo este sistema desapareceu, faltava então qualquer coisa para «embrulhar» o azulejo. Não queria qualquer coisa superficial que soasse a falso, nem exclusivamente decorativo. Siza in. (MACHABERT, et al. p. 220)

Neste extrato, Siza fala do azulejo como elemento de composição associado a um sistema construtivo e a uma linguagem arquitetónica, revelando a necessidade de pesquisar em primeiro um novo diálogo do azulejo, que possibilitasse acompanhar a evolução da linguagem arquitetónica, passar pela investigação das qualidades e das referências na tradição da arquitetura portuguesa. era essencial encontrar uma nova logica compositiva, partilhando as suas inquietações, expressas em conversas sobre a sua arquitetura. mencionada na entrevista de Machabert e Beaudouin

[...] a minha [...] relação com este material foi sempre difícil. «Porque não utilizar o azulejo?» perguntava-me, é tão belo e eficaz para a manutenção, para a protecção dos edifícios ... O meu desejo embatia numa espécie de inibição.» acrescentando que a sua utilização. É um desejo muito insistente, um pouco obsessivo. [...] Não é uma simples decisão pessoal, mas de circunstâncias. (MACHABERT, et al. pp. 220-221)

O arquiteto Siza vai encontrar esse diálogo numa relação com artistas plásticos como por ex. o escultor e pintor Manuel Cargaleiro, onde encontra o valor da cor e as suas capacidades de composição e ação de comunicação sensível, E por outro lado com o mundo da indústria, trabalhando diretamente com os produtores do material com tradição no mercado, caso da Fábrica Viúva Lamego, desenvolvendo novos padrões e desenhos para o azulejo. O “riscar” sobre o azulejo é algo que Álvaro Siza aprecia fazer, não sobre o azulejo de forma direta, mas desenhando em papel que posteriormente são ampliados numa fotocopiadora para uma escala próxima ou real, e somente depois, na fábrica de azulejos, os artesãos reproduzem os desenhos transferindo os para o suporte final no painel de azulejos ou para unidades de azulejo individuais, para as suas obras e para comercialização.

A partir dessa primeira experiência na obra de anteriormente identificada, o azulejo passa a integrar com maior regularidade, as suas obras, iremos abordar as qualidades deste material a partir da sua aplicação em 4 obras das suas obras que selecionamos por apresentarem intuítos diferentes na opção de aplicação do Azulejo, na caracterização e composição do espaço arquitetónico, permitindo-nos reconhecer

separadamente as principais características de valor deste material, sustentável e tradicional.

As obras selecionadas são:

A Igreja de Santa Maria de Marco de Canaveses (1990-1997); o Pavilhão de Portugal para a Expo'98 (1995-1998, Lisboa); a estação de Metro, Baixa-Chiado (1992-1998, Lisboa), e de São Bento (1996-2005, Porto); os edifícios habitacionais e comerciais, ex.: Terraços de Bragança (1992-2004, Lisboa); obras de referência para outros arquitetos e artistas plásticos, contribuindo para a renovação e atualização deste material, funcionando como elemento de identidade cultural.

Com a obra de Siza Vieira o Azulejo ganha nova relevância e visibilidade na arquitetura nacional. O azulejo de exterior volta a fazer parte da paleta de materiais de revestimento das nossas cidades, através destas obras, entre outras.

4.1. IGREJA SANTA MARIA EM MARCO DE CANAVESSES (1996).

Data: 1990-1997

Localização: Av. Gago Coutinho 10, Marco de Canaveses, Portugal.

Azulejo: Quadrado liso com textura irregular 14x14 cm; cantoneiras retas.

Cor: Tonalidade de branco.

Manufatura: Fábrica Viúva Lamego.

Técnica: Artesanal / Faiança.

Tipo de projeto: Templo Religioso.

De acordo com a pesquisa a Igreja de Santa Maria Ilustração 37, construída para a Diocese de Santa Maria, o projeto encomendado pelo Pároco da Freguesia de Marinha dos Fornos. Nesta obra destaca-se a sua envolvente, pela sua elevada posição em relação a cidade, a sua volumetria vertical e ortogonal com cor e forma candura Ilustração 37, de salientar a essência da relação com o contexto da topografia e da luz solar, numa subtilidade muito própria.

Quando se entra na Igreja de Santa Maria, experimenta-se um sentimento de ordem, de luminosidade e de ambiguidade. No interior o revestimento parcial em azulejo nas paredes, tem o papel de refletir a luz produzida pelas fenestraçãoes que permite reflexos peculiares de luz. Nos revestimentos foram empregues essencialmente quatro materiais: madeira, azulejo, pedra de mármore e reboco Ilustração 40. O arq. Siza revela a sua preferência na aplicação do azulejo, destacado a sua qualidade de refletor da luz e brilho, e como o material pode provocar, ilusões “divinas”, vibrações e dinâmicas na leitura do espaço ao longo do dia, de acordo com Nuno Higinio⁴⁹ «A preferência de Álvaro Siza pelo azulejo tem a ver com os reflexos os matizes de luz que este material permite conforme a sua cor e a incidência e intensidade da luz [...] O azulejo espelha a luz,

⁴⁹. Nuno Higinio Pereira Teixeira da Cunha nasceu a 16 de Julho de 1960. Entre 1988 e 2001 foi pároco em Marco de Canaveses, período durante o qual foi construída a igreja de Santa Maria com projeto de Álvaro Siza.

deflectindo-a gera uma atmosfera singular e ajuda a criar um espírito do lugar». (HIGINO, 2008 p. 130),.



Ilustração 37 – Igreja de Santa Maria.

Fonte: <https://visit.marcodecanaveses.pt/discover/architectural-heritage/igreja-de-santa-maria>

O arq. Siza escreve a propósito do revestimento em azulejo e releva a inspiração para o revestimento parcial, afirmado a preocupação da relação com a transição dos materiais empregues, evitado o conflito com a estrutura do espaço.

Numa primeira fase, o azulejo ladeava toda a igreja; depois, quer pela necessidade da parede curva chegar até ao solo, quer pela problemática solução do seu contacto com as portas, o seu uso foi limitado. Um dos objectivos de que se não podia abdicar consistia exactamente em evitar que os pormenores fossem tão evidentes que competissem com a estrutura do espaço. Trabalhei intensamente na relação, encontro e transição dos materiais. (VIEIRA, 2015 p. 65).

O uso do azulejo como revestimento em algumas paredes interiores, é aplicado parcialmente no lambrim que transita todo o interior da nave Ilustração 42 e na capela batismal de forma integral Ilustração 44, manufaturados artesanalmente na Fábrica Viúva Lamego, de tonalidade branca e superfície irregular, quadrado e de dimensão 14x14 cm. O lambrim conjuntamente com o rodapé em madeira, dá continuidade com o Altar Mor, surge um rodapé em mármore Ilustração 38.

Era necessário um rodapé resistente, que obviasse aos problemas de limpeza e manutenção. [...] Pensei então no azulejo que, produzido artesanalmente, conservava uma superfície levemente irregular; isso permite reflexos particulares de luz, enquanto que as juntas, que são deixadas vazias, manifestam uma presença sensível. (VIEIRA, 2015 pp. 63-65)



Ilustração 38 – Transição entre materiais: lambrim e rodapé (Fotografia: Petr Šmídek, 2011),

Os materiais estão cuidadosamente compostos entre: o azulejo, a madeira, o mármore e o reboco. A configuração destas transições dos diversos materiais bem proporcionados numa conexão meticulosamente detalhada, atingem um grau minimalista e de simplicidade, que já estamos acostumados a observar nas suas obras. Na conceção da transições dos remates, em arestas entre planos utiliza azulejos de cantoneira reta. No altar Mor, Siza utiliza um rodapé em mármore, na mesma dimensão do azulejo Ilustração 38 e assim pormenoriza a relação entre cotas, demonstrado a importância da relação da transição dos materiais com o desenho. Este cuidado no desenho evidencia o pensamento no Siza nos detalhes, evidenciado uma criatividade ímpar e seu bom gosto estético. Esta etapa no uso do azulejo é fundamental para a evolução conceptual para os seus posteriores projetos, funciona como um elemento embrionário, falaremos seguidamente na obra da estação da Baixa-Chiado, sentido a sua evolução expressiva na arte azulejar. Neste sentido este edifício é a chave formal, que permitiu a aplicação do azulejo no ato experimental. Segundo Siza «Trabalhei intensamente na relação, encontro e transição entre materiais» (VIEIRA, 2015 p. 65).

Nesta obra Siza destaca o tradicional da nossa cultura e articula com a sua expressão criativa, valorizado a nossa arquitetura na visibilidade e divulgação no âmbito internacional, difundido as nossas tradições na arte azulejar.

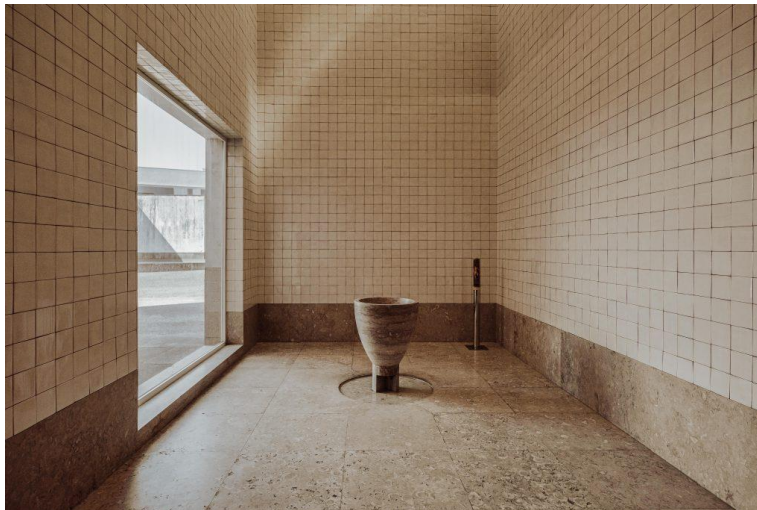


Ilustração 39 – Batistério parede de azulejo e mármore.



Ilustração 40 – Nave Central e altar.



Ilustração 41 – A nave, revestimento parcial do labrim..

Fonte: <https://visit.marcodecanaveses.pt/wp/wp-content/uploads/2021/05/Presbiterio1-1024x708.png>.



Ilustração 42 – Desenho do lambrim em azulejo e rodapé em madeira.

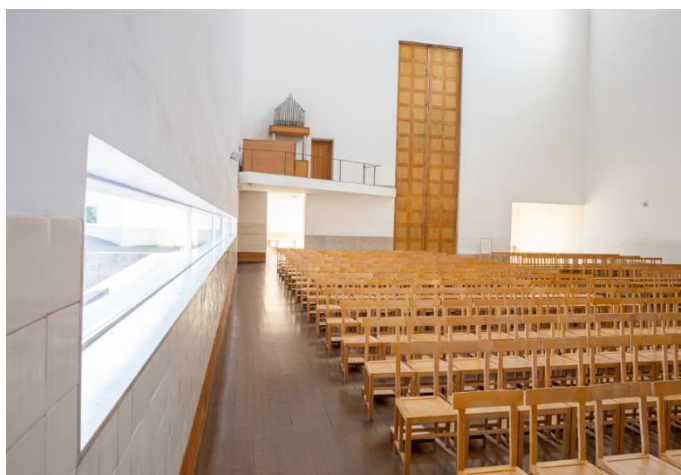


Ilustração 43 – Luminosidade da nave, fonte: <https://visit.marcodecanaveses.pt>.

A produção artesanal utilizada pelo arq. Siza, dão origem a reflexos que provocam uma agitação “dinâmicas” na superfície irregular, criando variadas expressões de brilho e cor, com a incidência da luz , «Pensei então no azulejo que, produzido artesanalmente, conservava uma superfície levemente irregular; isso permite reflexos particulares de luz, enquanto as juntas, que são deixadas vazias, manifestam uma presença sensível». (VIEIRA, 2015 pp. 63-65).

Como menciona o autor, as juntas entre azulejos foram deixadas vazias, o que cria uma estereotomia mais marcada e uma leitura visual mais expressiva ao espaço. Porém, para atenuar o efeito das juntas vazadas, as arestas dos azulejos foram polidas manualmente, permitindo a entrada de luz e provocar uma sensação de continuidade no revestimento.

Expressão artística no revestimento.

Como aplicado no lambrim, na nave de celebração eucarística, o Arq. Siza recorre igualmente ao azulejo para o revestimento integral parietais da Capela Batismal e igualmente desenhou a pia batismal, espaço com uma verticalidade acentuada de 16,50 m de altura Ilustração 44, com desenho da sua autoria, surgem duas figuras humanas alusivas ao batismo de cristo com cerca de 6 metros de altura, com uma expressão artística reveladora do seu traço e criatividade, gera um contraste entre o revestimento do azulejo branco e traço em cor carvão.

Os azulejos de produção artesanal com uma textura irregular originam reflexos muito peculiares, esses reflexos por cima do batistério, resultam da fenestração superior, originados pela luz zenital. O arq. Álvaro Siza revela a sua inquietação nos desenhos já terminados.

Estas personagens, que em conjunto representam o baptismo de Cristo, são de uma importância decisiva, neste espaço excepcional, alto e estreito, e serão estilizadas de modo a que não resultem excessivas. Terão uma presença muito forte, num azul escuro ou em preto, de modo a ressaltarem no azulejo branco. Já terminei os desenhos, mas não tive coragem de dar início à realização: tenho ainda necessidade de tempo. (VIEIRA, 2000 p. 65).



Ilustração 44 – Capela Batismal, Batismo de Cristo, (Marco de Canaveses, 1997=.

4.2. ESTAÇÃO DO METROPOLITANO BAIXA-CHIADO EM LISBOA (1992 A 1998).

Localização: Lisboa.

Data: 1991-1999

Azulejo: quadrado liso 14x14cm; retangular biselado 7x14 cm; quadrado biselado 7x7 cm; retangular liso 7x14 cm; cantoneira convexa 14x4 cm.

Cor: branco.

Manufatura: Fábrica Viúva Lamego.

Produção: Artesanal.

Técnica: Faiança.

Tipo de projeto: Institucional.

Nesta obra o azulejo surge aplicado como revestimento de paramentos e tetos.

A construção da Estação de Metro Baixa-Chiado (Lisboa, 1992-1998) surge no seguimento do projeto de reabilitação do edifício, danificado pelo incêndio que deflagrou a 25 de agosto de 1988 no Chiado. A estação foi idealizada como parte dos grandes projetos urbanos para a infraestrutura do metropolitano de Lisboa, com o objetivo de reabilitar a zona histórica, que veio dar origem nova vida urbana ao Chiado. A sua construção totalmente subterrânea, faz ligação entre a Rua do Crucifixo e o Largo do Chiado esta ligação veio intensificar a relação entre as duas cotas da colina do Chiado. A arquitetura da estação construída com vãos monumentais em abóbada revestidos a azulejo branco. O acesso a estação faz-se pelo átrio central, através de escadas. A iluminação refletida reforça as abóbadas azulejares, gerando uma atmosfera cênica para a circulação do observador que percorre estes espaços no seu quotidiano.

Revestimento de paramentos e tetos.

Na aplicação e uso de revestimento azulejar, neste espaço destaca-se na seleção e desenho criterioso dos azulejos, nas formas retangulares lisos e os biselados. aplicados nos tetos em abóbada, o que devido a sua configuração “redonda” a sua aplicação no sentido longitudinal do eixo é a solução perfeita para contornar as superfícies onduladas

e consequentemente ter um acabamento de excelência, obtendo uma linguagem ímpar como já nos habituou nas suas obras. Ilustração 45 verificamos uma nova realidade para o autor na utilização de azulejos menos comuns no Siza. A obra mantém a ideia original de Keil do Amaral, do século XX, para o metro de Lisboa, no uso de revestimento parietal. Porém, Siza apresenta uma configuração e uma linguagem única, revestido os tetos em azulejo, seja em paralelo com outras estações do metropolitano de Lisboa ou com sua obra posterior a Estação de Metro de São Bento (Porto, 1996-2004) que falaremos seguidamente.

Até a cor utilizada, o dourado, resultou de uma exigência do arquiteto, que quis que o destaque estivesse nos azulejos brancos, iguais aos do metro de Paris, e nos tons quentes derivados da iluminação que instalou. Mais, Siza Vieira exigiu que os azulejos não fossem cortados nas esquinas. “Isso implica que o azulejo tem de ter todo o mesmo remate à volta. A fábrica teve de fazer cerca de 300 moldes de azulejos diferentes para conseguir corresponder às exigências do arquiteto”, conta Helena Taborda⁵⁰.

Em relação ao detalhe dos remates nas transições entre planos Ilustração 54, Siza resolve o remate da aresta viva, através de azulejo em cantoneira convexa, igualmente adaptada com peças redimensionadas o acabamento e recorre a solução do uso do azulejo retangular liso para rematar as transições dos planos das paredes, o que permite um acabamento final irrepreensível.

A intervenção artística contemporânea presente nas saídas da estação do Metropolitano da Baixa-Chiado é da autoria de Ângelo de Sousa que cinge a sua arte nas duas saídas de acesso, mantendo os princípios de simplicidade, definidos pelo arquiteto Álvaro Siza. A intervenção artística segue uma linguagem contemporânea, com alguns arabescos árabes que nos remete para a arte islâmica, onde signos soltos e inscrições se desenvolvem de forma linear através de um sumptuoso dourado que contrasta com a superfície azulejar branca, **Ilustração 46**.

Ao conceber a decoração destes espaços, Ângelo de Sousa parece questionar a própria necessidade de decorar os espaços, inscrevendo geometrias com curvaturas como de ferros de varandas similares as existentes na cidade de Lisboa, desenho flores, linhas com geometrias circulares, e coroas circulares, repetindo temas como as duas barras simétricas com um semicírculo, que podemos associar as linhas do mapa do

⁵⁰ Citação de Helena Taborda, porta voz do Metropolitano de Lisboa. (<https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/estacao-de-metro-baixa-chiado/>).

metropolitano. Figuras de evocação antropomórfica que parece mecanizar os voos dos múltiplos **putti**⁵¹, tão utilizados na decoração do Barroco e do Naturalismo.

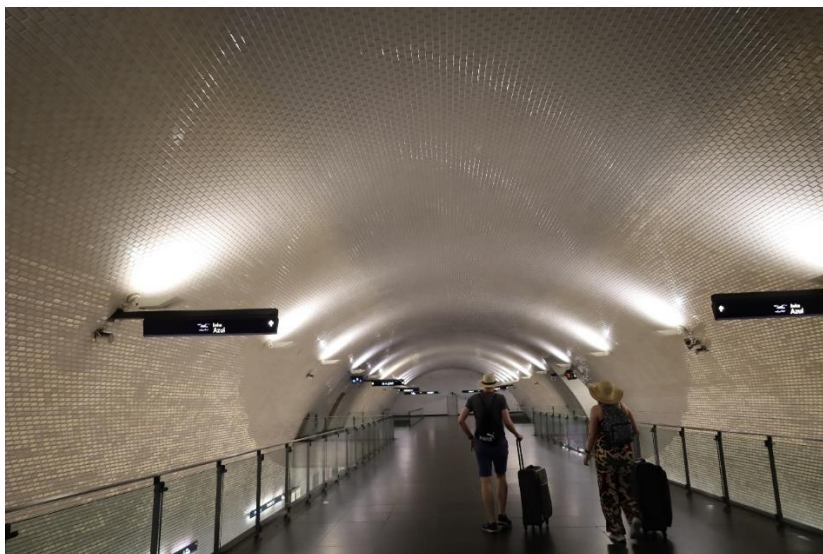


Ilustração 45 – Estação de Metro Baixa-Chiado, Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

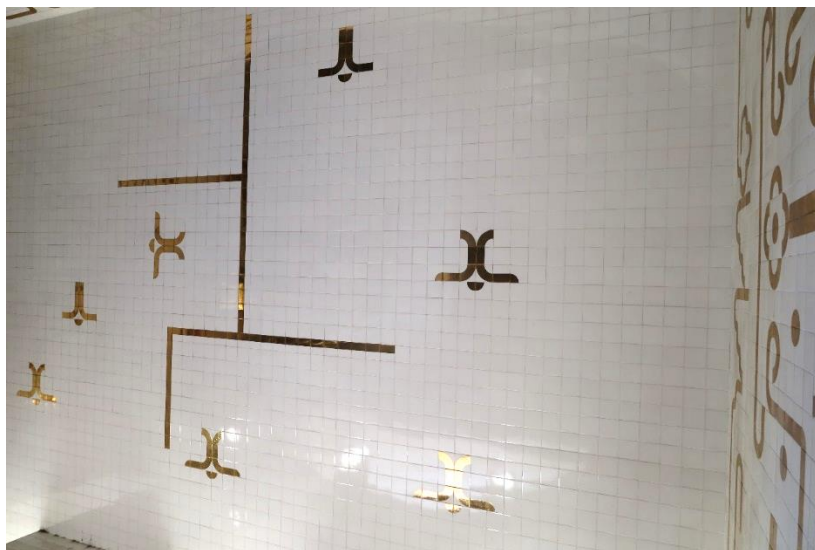


Ilustração 46 – Teto do átrio acesso pela Rua do Crucifixo. Lisboa (Ilustração nossa, 2024).

⁵¹ A palavra putti (plural do italiano *putto*), refere-se, no campo das artes, a pinturas ou esculturas de meninos nus, gordinhos, e quase sempre de sexo masculino. Não são anjos, são considerados os meninos irreverentes que ainda não ganharam asas para chegar ao céu. Os putti começaram por ser utilizados na arte paleocristã, tendo prosseguido uma brilhante carreira artística, do Renascimento ao Barroco, onde foram usados abundantemente. Derivados da figura do Cupido jovem, os putti simbolizam também amor e pureza.

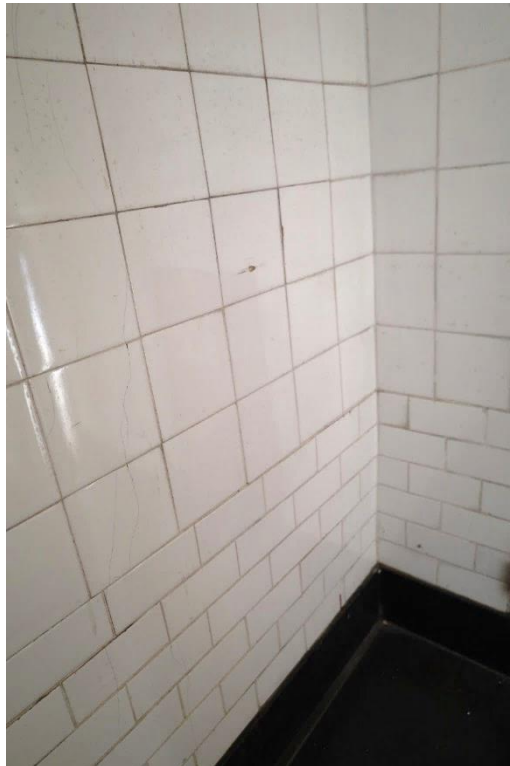


Ilustração 47 – Azulejo branco quadricular. Lisboa 2024 (Ilustração nossa, 2024).

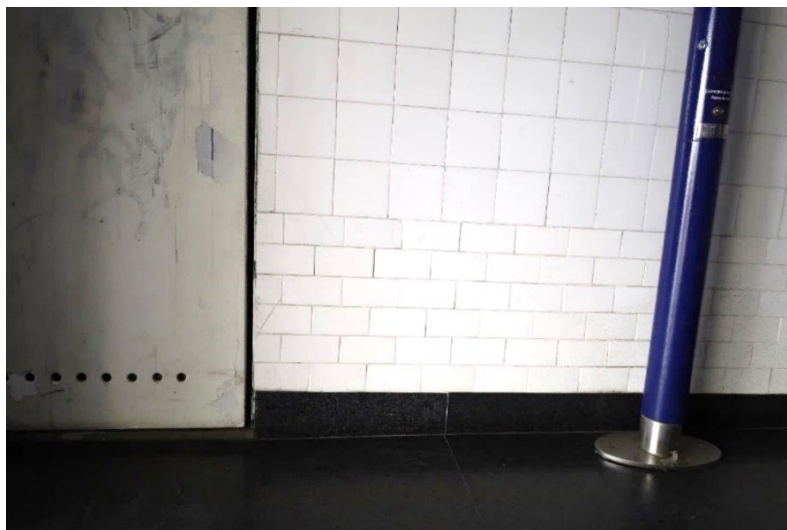


Ilustração 48 – Transição de plano pavimento e da parede.(Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 49 – Tipologia de azulejos. (Ilustração nossa, 2024).

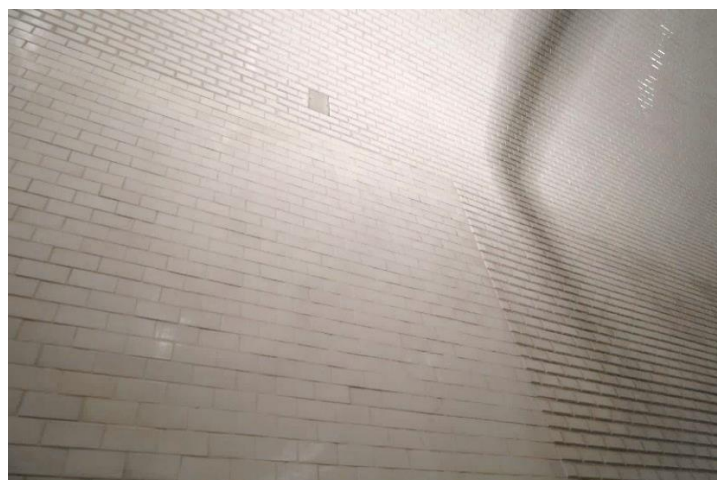


Ilustração 50 – Transição de planos. Solução de remates. (Ilustração nossa, 2024)..

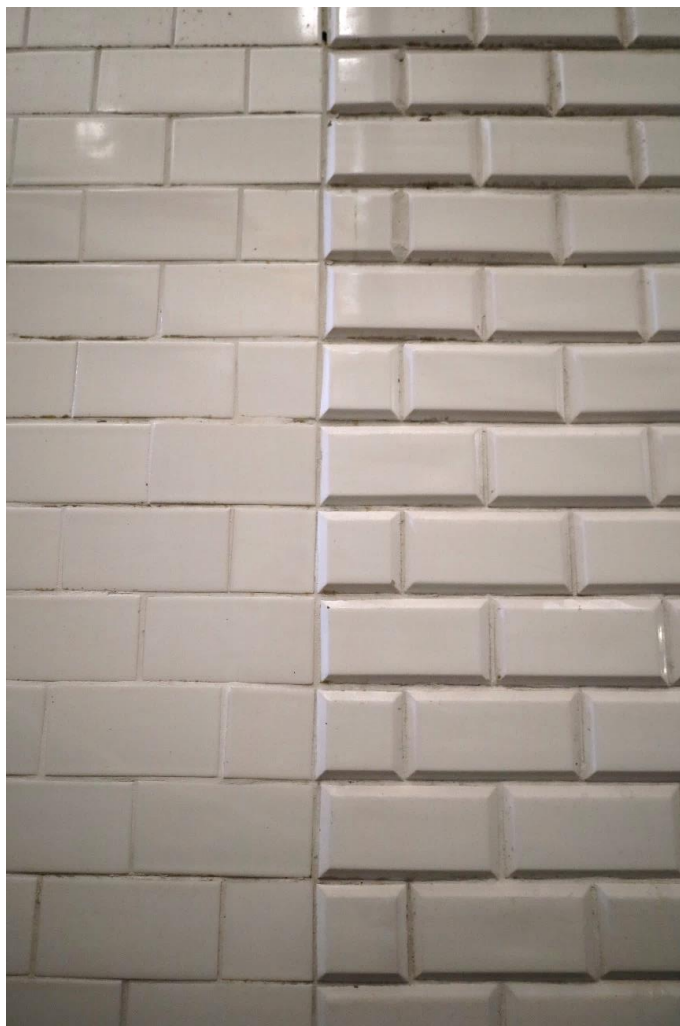


Ilustração 51 – Detalhe de transição. (Ilustração nossa, 2024)



Ilustração 52 – Luminosidade provocada pela incidência luz artificial. (Ilustração nossa, 2024).

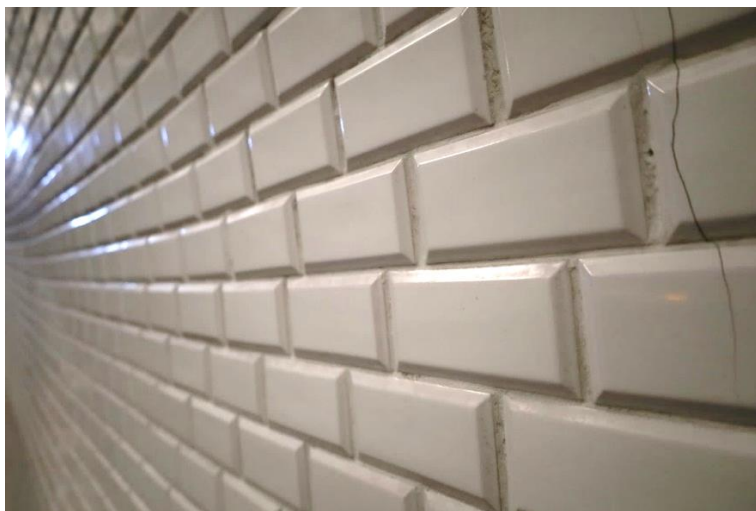


Ilustração 53 – Estereometria e junta do azulejo retangular biselar. (Ilustração nossa, 2024).

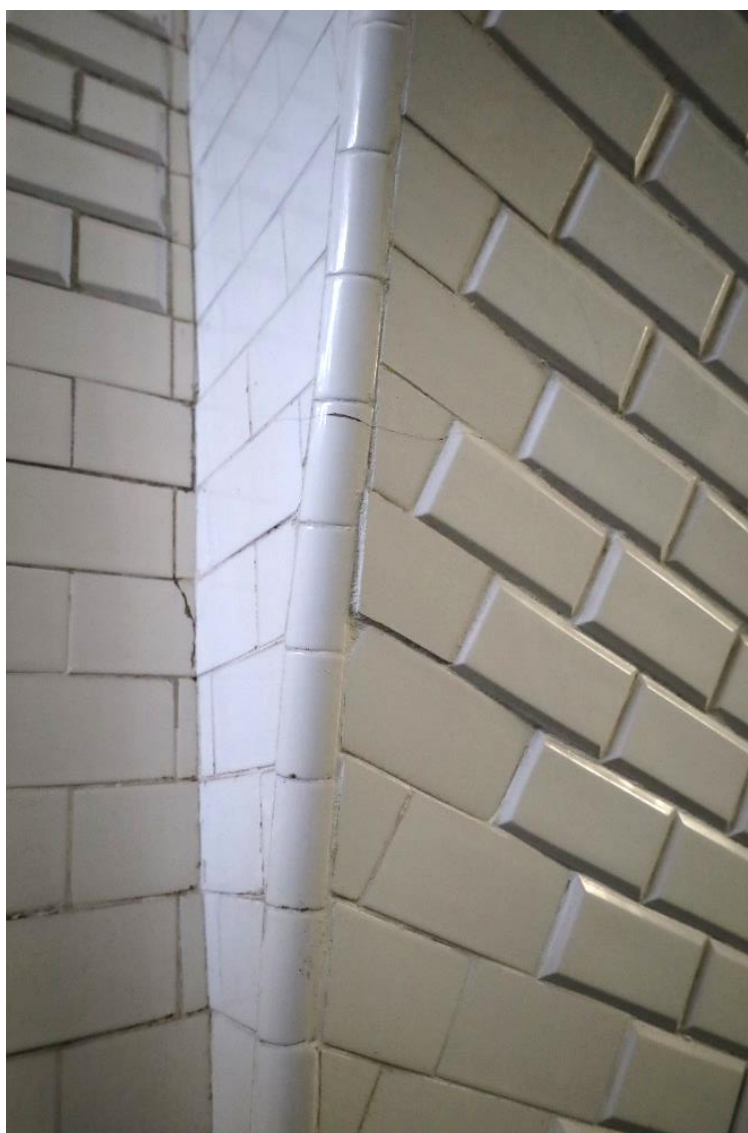


Ilustração 54 – Pormenor, da solução de remates entre planos. (Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 55 –Transição de planos. Ilustração nossa, 2024.

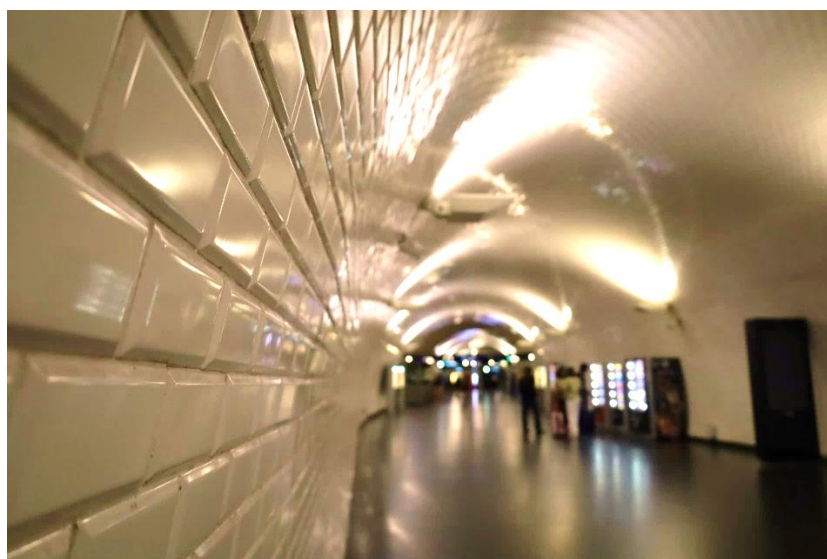


Ilustração 56– Relação do revestimento azulejar com a variação da luz artificial. (Ilustração nossa, 2024)..



Ilustração 57 – Transição de materiais da parede e teto abobadilhado. Ilustração nossa, 2024.

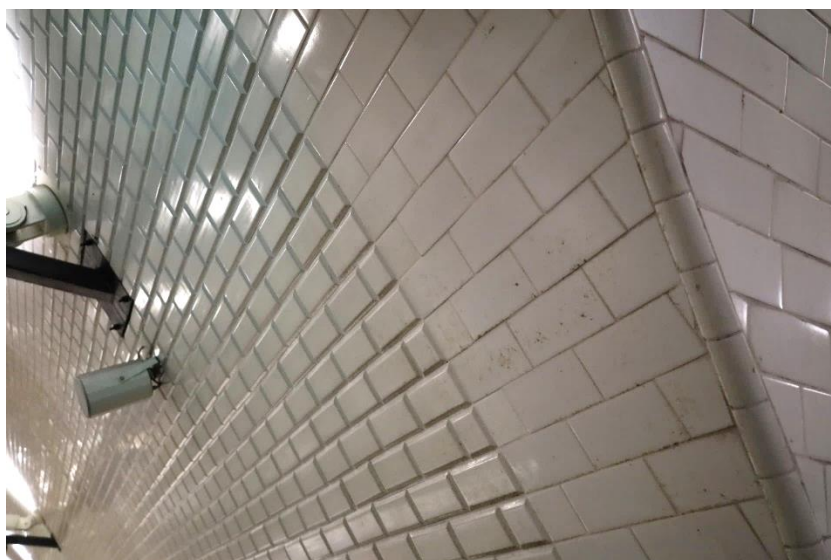


Ilustração 58 – Detalhe de acabamento entre planos. (Ilustração nossa 2024.)

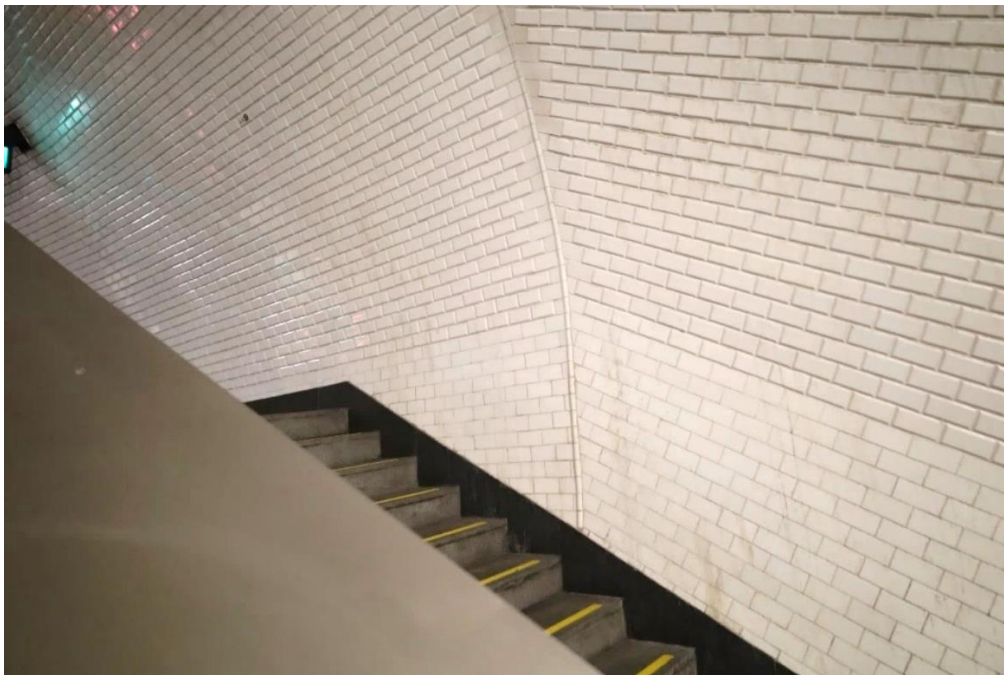


Ilustração 59 – Relação do lambrim em azulejo retangular liso e biselar na mudança de direção dos planos. (Ilustração nossa, 2024).

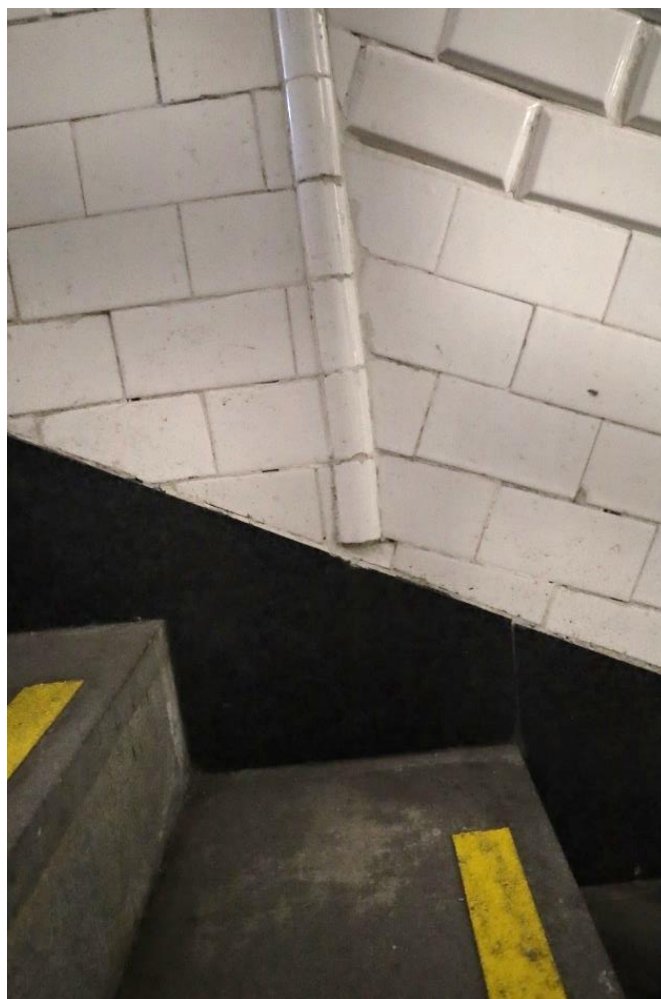


Ilustração 60 – Relação do lambrim em azulejo retangular liso com os degraus da escada. (Ilustração nossa, 2024).

Uma outra característica única do espaço na obra do autor é a colocação de um azulejo biselar isolado dos restantes, que destaca o sublime nível de detalhe do autor e frequentemente passa despercebido ao observado Ilustração 61.



Ilustração 61 – Aplicação isolada de um azulejo biselar. (Ilustração nossa, 2024).

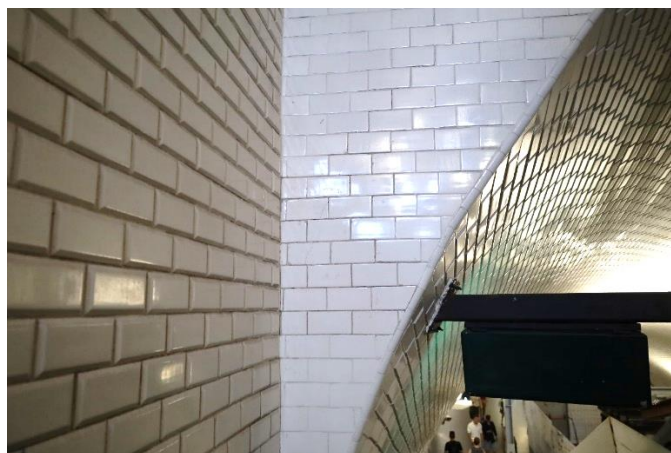


Ilustração 62 – Solução de remates entre planos. (Ilustração nossa, 2024.)



Ilustração 63 – Teto da saída pela Rua do Crucifixo. Ilustração nossa 2024.

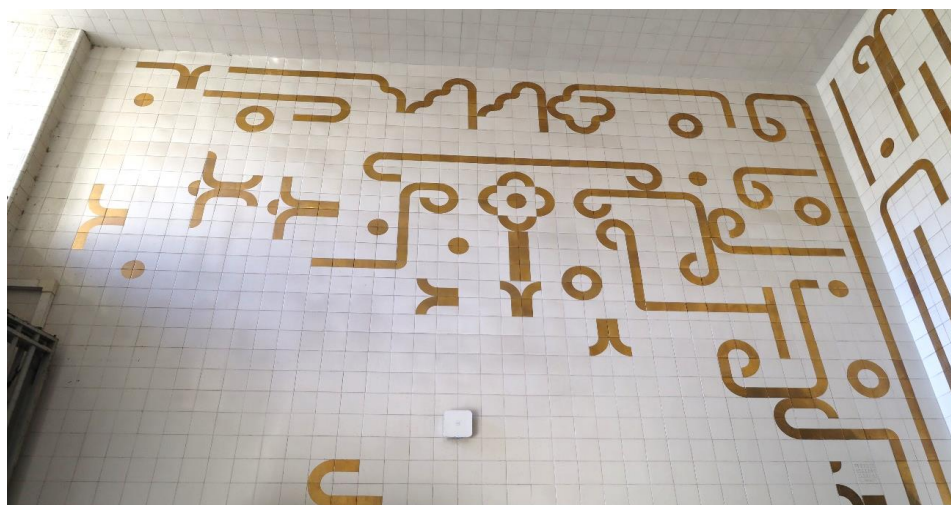


Ilustração 64 – Pormenor da composição de azulejos na entrada da estação Metropolitana Baixa/Chiado. (Ilustração nossa, 2024)



Ilustração 65 -Teto da saída para o Largo do Chiado. (Ilustração nossa, 2024)



Ilustração 66 – Revestimento empedra e azulejo. Saida para o Largo do Chiado. Lisboa. (Ilustração nossa, 2024).

4.3. ESTAÇÃO DO METROPOLITANO DE SÃO BENTO NO PORTO (1996-2005).

Localização: Avenida da Ponte, Porto.

Data: 1996-2005

Azulejo: Forma quadrada, liso 14x14 cm, cantoneira três faces, cantoneira de canto, cantoneira reta.

Cor: Branco, com diferenças de tonalidades com desenhos a azul.

Manufatura: Fábrica Viúva Lamego.

Produção: Artesanal.

Técnica: Faiança.

A Estação de Metro de São Bento, foi projetada sob a Avenida da Ponte, numa zona consolidada da cidade, inserindo-se no plano do Metro do Porto obra de dois arquitetos com premio Pritzker⁵² o Arq. Eduardo Souto de Moura⁵³ homenageado em 2018 e o arq. Álvaro Siza Vieira em 1992. A obra destaca a entrada por um espaço amplo de um piso, onde se podem realizar exposições e conferências igualmente existentes diversas áreas técnicas de apoio aos eventos. Destaca-se o revestimento integral de paramentos interiores da estação do metropolitano com o azulejo criados e idealizados pelo arq. Siza dignos de louvor.

Siza Vieira aplica no revestimento parietais no interior azulejos lisos e curvos com as dimensões de 14x14 cm, de produção artesanal da fábrica Viúva Lamego. Explora as

⁵² O Prémio Pritzker de arquitetura existe desde 1979 e distingue anualmente um arquiteto vivo, por iniciativa da Fundação Hyatt, dos Estados Unidos da América. Dada a sua importância a nível internacional é chamado de "Prémio Nobel da Arquitetura". Álvaro Siza Vieira, distinguido em 1992, foi o único arquiteto português a receber o Pritzker. Desde o primeiro vencedor, o norte-americano Philip Johnson, já foram distinguidos arquitetos como o brasileiro Óscar Niemeyer, os norte-americanos Frank Gehry e Thom Mayne, o holandês Rem Koolhaas (autor do projeto da Casa da Música, no Porto) e o já referido Álvaro Siza Vieira.

⁵³ Eduardo Elísio Machado Souto de Moura nasceu no Porto, em 25 de julho de 1952. No percurso da carreira estudantil colaborou no ateliê de Álvaro Siza Vieira entre 1974 e 1979. Como grandes referências da sua obra devem referir-se, além de Siza Vieira (1933 -), os arquitetos Mies van der Rohe (1886-1969) e Aldo Rossi (1931-1997), as experiências californianas dos anos 50 e 60 (Craig Ellwood, Pierre Kötting e as "case study houses"), a arte minimalista (Donald Judd e Sol Lewitt). Souto de Moura foi também influenciado por Bernardo Soares, um dos heterónimos do poeta Fernando Pessoa (1888-1935), por Roland Barthes (1915-1980), pensador e escritor francês, pelo pintor catalão Antoni Tàpies (1923-) e pelo artista alemão Beuys (1921-1986). Frequentou o curso de Arquitectura na Escola Superior de Belas Artes do Porto e na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

capacidades plásticas do azulejo, utilizando-o de forma inovadora ao trabalhar com oito tonalidades claras pastel distintas de vidro Ilustração 69. Esta paleta de tons permitiu-lhe criar efeitos visuais ímpares, realçados por desenhos lineares reforça no trabalho a sua singular expressão artística e do seu traço singular. A escolha do uso do azulejo recai na premissa, da manutenção, ser higiénico, na importância deste material como identidade tradicional do património português, como aplicado ao longo de cinco séculos na arquitetura. Cito a estação ferroviária de comboios de São Bento, Porto, como o exemplo próximo, igualmente reforça o *modus operandi* e do pensamento do Siza na Práxis das suas obras, reforça a continuidade conceptual dos concebidos nas estações do metropolitano de Lisboa. Igualmente adiciona mais luminosidade e brilho ao espaço, característica relevadora do azulejo. Particularmente, pode ser comparado ao azulejo com características idênticas no Mosteiro de Alcobaça⁵⁴, aplicados na cozinha do Mosteiro Ilustração 67 nas suas paredes e ao centro na colossal chaminé revestida em azulejos de diversas tonalidades de cor claras pastel, superfície irregular que origina texturas irregulares, que criam dinâmicas e vibrações no espaço através da entrada de Luz pelas fenestraçãoes superiores, ao longo do dia. Essa abordagem reflete a visão de Siza sobre a versatilidade do azulejo como elemento arquitetónico, valorizando a tradição da azulejaria portuguesa ao mesmo tempo que propõe novos usos e interpretações no contexto da arquitetura contemporânea na Estação de Metro de São Bento.



Ilustração 67 – Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, revestimento da cozinha com azulejos de diferentes tons de esmalte e ondulação superficial da chacota, devido à cozedura artesanal (Alcobaça 1752). <https://www.almadeviajante.com/wp-content/uploads>

⁵⁴ O Mosteiro de Alcobaça, conhecido como Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, obra do arquiteto João de Castilho, situado na cidade de Alcobaça, Portugal. É a primeira obra plenamente gótica erguida em solo português, a sua construção iniciada pelos monges da Ordem de Cister no ano de 1178 e inaugurada em 1187.

Os desenhos reinterpretem os painéis artísticos desenhados por Júlio Pomar em 1988 para a estação de metro do Alto dos Moinhos, em Lisboa Ilustração 68 o artista homenageou quatro nomes das letras portuguesas, Camões, Bocage, Pessoa, Almada, com os quais as imagens estão diretamente relacionadas.

Além da menção a Pomar, Siza incorporou também desenhos seus, em azulejos de figura avulsa Ilustração 75, aplicados nas colunas da estação. Esta abordagem reflete a visão de Siza para a versatilidade do revestimento cerâmico como elemento arquitetónico, valorizando o património do azulejo português e propondo novos usos e interpretações num contexto arquitetónico contemporâneo. Estes pequenos detalhes, aplicados subtilmente nas superfícies, contribuem para um diálogo entre tradição e modernidade, enquanto mantêm a unidade visual dos espaços através do uso continuado do azulejo.



Ilustração 68 – Painéis artísticos desenhados por Júlio Pomar. Estação de metro do Alto dos Moinhos, Lisboa, 1988 (Fonte: <https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt>)

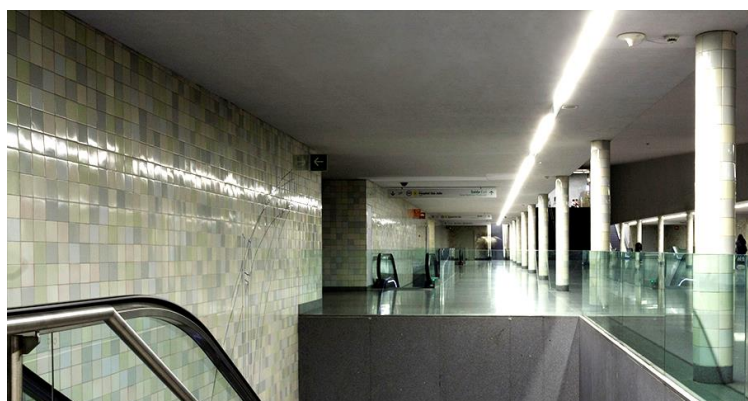


Ilustração 69 – Estação do metropolitano de São Bento, (Fotografia: Fernando Guerra, Porto 2006).



Ilustração 70 – Desenhos com traços lineares em linha azul (Fotografia: Fernando Guerra, Porto 2006).



Ilustração 71 - Estação do metropolitano de São Bento, Porto. (Fotografia: Fernando Guerra 2006)



Ilustração 72 Azulejo figura avulsa, (Fotografia: Fernando Guerra 2006)

4.4. PAVILHÃO DE PORTUGAL NA EXPO '98 EM LISBOA (1998).

Localização: Parque das nações, Lisboa.

Data: 1998.

Azulejo: Forma quadrada lisa 14x14 cm, Cor: policromos, com diferenças de tonalidades.

Manufatura: Fábrica Viúva Lamego.

Produção: Artesanal.

Técnica: Faiança.

Tipo de Património: Património Material.

Estilo dominante: Contemporâneo.

O Pavilhão de Portugal foi projetado como sede da representação portuguesa na Exposição Mundial de 1998. O Pavilhão de Portugal, projetado para a Parque Expo 98, SA, ficou concluído em janeiro de 1998, tendo recebido, nesse mesmo ano, os Prémios Valmor e Municipal de Arquitetura.

A escolha do arq.Siza do azulejo com cor reflete uma intenção de celebrar a identidade do património cultural de Portugal ao Mundo

Os grandes pórticos definem a entrada da praça e também criam uma sensação de continuidade e proteção ao edificado, revestidos em azulejos monocromático Ilustração 73, trazem um elemento vibrante e cultural ao projeto, refletindo a tradição cultural portuguesa e contribuindo para a precepção visual do espaço.

A placa fina de betão armado Ilustração 75, que se estende em uma curva esbelta como o movimento de uma folha de papel em queda, serve de cobertura a praça, igualmente acresce uma dimensão arquitetónica sensível. Com um vão de 65 metros de comprimento e 50 metros de largura, ela proporciona uma sensação de leveza, devido ao método construtivo, suspensa por cabos de aço. A variação na altura até aos 13 metros, origina uma dinâmica espacial que convida os visitantes a observar o espaço de diferentes ângulos.

O azulejo com 15x15 cm, de cor vermelho surge nesta obra predominantemente após um embasamento em pedra que marca o soco Ilustração 74 esta transição de materialidade enaltece o azulejo como um material nobre e uma relação meticulosa com o mármore, neste painel as variações de luz provocam brilhos e reflexões que geram leituras e transfigurações na atmosfera do espaço interior da praça ao longo do dia, criam igualmente dinâmicas e ondulações provocadas pelo vidro escuro. A seleção das tonalidades da cor da bandeira nacional (vermelho e verde), a escolha das cores dos azulejos Álvaro Siza contou com a colaboração do artista Manuel Cargaleiro, a eleição das cores do material reflete a simplicidade e procura de uma subtil elegância, realçando a identidade cultural portuguesa em um contexto contemporâneo, verificamos que o revestimento em azulejo valoriza a estética do pavilhão e estabelece um diálogo entre tradição e modernidade, elevando a sua presença na arquitetura contemporânea.

O tratamento das paredes dos pórticos monumentais com azulejos nas tonalidades verde, vermelho e cinza claro, adiciona um elemento lúdico e vibrante aos pórticos e retira assim a sua carga austera que mitiga a rigidez da estrutura e cria um contraste agradável. Os vazios onde se aplica os azulejos de tonalidades verdes possibilitam que a luz interaja com as superfícies criando leituras de sombra e luz, de reflexos vibrantes e brilhantes, provocam dinâmicas que opulentam a percepção visual dos pórticos e a materialidade do azulejo não apenas embeleza, mas também traz um caráter acolhedor ao ambiente e consegue assim uma expressão fechada, abrindo somente alguns rasgos incisivos “vãos” de diferentes dimensões, Siza cria passagens e vistas do interior da praça para o cenário urbano o que reforça e torna as fachadas mais expressivas na espacialidade do lugar. Siza ao aplicar azulejo na sua obra contribui para uma forte imagem nacional valorizado e divulgado o património cultural do país, integrando o passado e o presente da história de Portugal



Ilustração 73 - Fachada exterior poente, Pavilhão de Portugal Expo'98,(Ilustração nossa, 2024).



Ilustração 74 – Detalhe da Fachada interior nascente, (Ilustração nossa 2024)



Ilustração 75 – Fachada interior nascente, Pavilhão de Portugal Expo'98, Lisboa. (Ilustração nossa,2024).



Ilustração 76 – Revestimento em azulejo cinza e pedra de lioz dos porticos.

CONCLUSÕES FINAIS

A dissertação no seu grande objetivo pretendeu salientar o valor do Azulejo enquanto material sustentável; reutilizável, reciclável e não poluente, feito de uma matéria natural abundante. Com uma notável presença na arquitetura tradicional portuguesa, o azulejo atravessou diversos períodos onde foi aplicado de modos diferentes e com diferentes estilos de padronização e estereotomias.

Salientar as capacidades tecnológicas e estéticas deste material notável, confirmado com leitura dada pela barra cronologia da história do azulejo complementada com um ensaio de uma breve apresentação cronológica relativa ao século XX do azulejo nacional. O desenvolvimento formal ao longo de cinco séculos de história de evolução permitiu desenvolver o estudo e validar as qualidades deste material na qualificação do espaço urbano e arquitetónico.

Desmontar o preconceito que adquire ao longo de um período onde é utilizado como material referenciado à “casa do emigrante”, que se caracterizava por uma arquitetura desqualificada, passando a uma referência histórica e relembrando a forte identidade que este material teve e tem ao nível da arquitetura nacional como promotor de identidade, apresentando-o na sua nova aplicação em obras contemporâneas notáveis, de modo a contribuir para uma revalorização para o seu desenvolvimento formal alargando a sua aplicabilidade.

O contributo da obra do arquiteto Álvaro Siza Vieira, para a divulgação e promoção deste material, entendeu-se como fundamental para reforçar a defesa do valor do azulejo, enquanto elemento que contribui para a sustentabilidade da indústria da construção civil, indo ao encontro das necessidades do contexto global proposto como metas para o século XXI. Adicionando o objetivo de reconhecimento, destacando a longa tradição e identidade deste material presente nos edifícios e cidades em Portugal.

O azulejo na arquitetura portuguesa, de longa tradição e identidade nacional, património cultural, releva-se nesta dissertação com o contributo do arquiteto Álvaro Siza Vieira, como fundamental, defendendo a importância do azulejo na atualidade do sec. XXI, na contemporaneidade da arquitetura nacional (em particular), juntamente com o reconhecimento, a apreciação e a valorização, de um património azulejar em Portugal.

Sendo assim, com o objetivo de destacar a longa tradição e identidade nacional, presentes nos edifícios e cidades de Portugal, o azulejo português candidatou-se a

Patrimônio Cultural pela antiga Direção Geral do Património Cultural (DGPC), à comissão do Património da Humanidade UNESCO,

Características físicas e estéticas deste material de acabamento: facilidade de aplicação, limpeza higiene (material lavável), de reduzida manutenção. Material de revestimento e de impermeabilização de superfícies tem uma componente térmica importante, na compoinente estética salienta-se a sua luminosidade e vibração mutante, cor composição plástica ao nível da padronização, assim como uma capacidade de variação infinita.

A escolha deste material permite tirar partido dessas propriedades físicas na composição arquitetónica nas suas formas de expressão artística na poetica do desenho do espaço.

Entendeu-se como uma responsabilidade social, promover materiais amigos do ambiente como contributo para a preservação e sustentabilidade ambiental. Deste modo a necessidade de Incentivar práticas mais sustentáveis em todas as etapas de construção, desde a extração da materia prima, da produção até o consumo final. Evidenciamos a forte capacidade do azulejo como material natural reciclável, também reutilizável e reabilitável assim como matéria-prima inesgotável na Natureza o que garante a longevidade da cerâmica.

Com o exposto concluímos que ao estudar e divulgar as vantagens do azulejo, sobretudo no que diz respeito à caraterização, dinamização e transformação que tem adquirido ao longo da história da azulejaria portuguesa, possa auxiliar a uma utilização mais cuidada na arquitetura. Acreditamos que o meio urbano estaria muito mais pobre e vazio sem a presença do azulejo material de excelência, a decorar, a embelezar e a iluminar o espaço público igualmente aproximando a arte do utilizador publico.

Com os princípios aqui enunciados de divulgação e salvaguarda do património azulejar português o azulejo, que representa a marca do autor, do fabricante e da Arquitetura Portuguesa no Mundo.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Francisco Keil. 1969. *Lisboa - Uma Cidade em Transformação*. Lisboa : Publicações Europa-América, 1969.

BRITTANY, Garcia. 2013. The World History Encyclopedia. *World History*. [Online] 23 de Augusto de 2013. [Citação: 14 de julho de 2024.] <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-272/porta-de-ishtar/>.

COSTA, Maria Ana Vasco. Espaço de Arquitetura. *www.espaçodearquitetura.pt*. [Online] [Citação: 05 de 02 de 2024.] <https://espacodearquitetura.com/noticias/tres-fachadas-de-lisboa-com-azulejos-premiadas-nos-surface-design-awards-em-londres/>.

HENRIQUE, Paulo. 2003. 2003.

Henriques, Paulo. 2000. *O Azulejo em Portugal no séc. XX*. Lisboa : Edições Inapa, 2000.

HENRIQUES, Paulo. 2000. *O Azulejo em Portugal no século XX*. Lisboa : Edições Inapa, 2000.

HIGINO, Nuno. 2008. *Dez quadrículas e um excuroso: Sobre os azulejos de Álvaro Siza na Basílica da Trindade, Fátima.* ., Lisboa : Didaskalia., 2008.

LASCAUT, Gilbert. 2003. *Manuel Cargaleiro : Lisbonne-Paris 1950-2000*. Plomelin : Éditions Palantines, 2003.

Lemmen, Hans Van. 1994. *Azulejos na Arquitetura* . Lisboa : Editorial Caminho, 1994.

MACHABERT, Dominique e BEAUDOUIN, Allan. 2009. *Uma questão de medida*. Casal de Cambra. : Caleidoscópio., 2009. pp. 220-2021.

MECO, José. 1985. *Azulejaria portuguesa*. Lisboa : Bertrand, 1985.

—. 1985. *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa : Bertrand Editora, Lda, 1985. p. 5.

— **1989.** *O azulejo em Portugal*. Lisboa : Alfa, 1989. p. 11.

— **1993.** *O Azulejo em Portugal*. Lisboa : Publicações Alfa, 1993.

PEREIRA, João Castel-Branco. 1990. *Azulejos no metropolitano de Lisboa*. Lisboa : Metropolitano de Lisboa, 1990.

Rohe, Ludwig Mies van der. 1969. New York : New York Times, 19 de Agosto de 1969, New York Times.

SANTOS, Reinaldo dos. 1957. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa : Edições Sul, 1957.

Saporiti, Teresa. 2000. *Azulejaria de Eduardo Nery*. Lisboa : Dinalivro, 2000.

SOUSA, Frei Joao de. 1981. *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*. Lisboa : Gráfica Maiadouro, 1981.

VIEIRA, Álvaro Siza. 2009. *01 Textos*. Porto : Civilização Editora, 2009.

— **2000.** *Imaginar a Evidência*. Lisboa : Edições 70, 2000.

— **2015.** *Imaginar a Evidência*. Lisboa : Edições 70, 2015.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

<http://www.museudoazulejo.pt>

[https://www.infopedia.pt/artigos/\\$azulejo](https://www.infopedia.pt/artigos/$azulejo)

<https://myarchitecturalguide.wordpress.com/2018/12/10/boavista-residential-complex-alvaro-siza/>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/exposicoes-virtuais/a-arte-do-azulejo-em-portugal.html>

<https://www.viuvalamego.com/pt/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/uma-breve-historia-da-azulejaria-portuguesa/>

<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt/>

<https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/>

<https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza>

https://www.archdaily.com.br/br/783137/classicos-da-arquitetura-pavilhao-portugues-na-expo-98-alvaro-siza-vieira?ad_source=search&ad_medium=projects_tab

<https://www.parquesdesintra.pt/pt/parques-monumentos/palacio-nacional-sintra/historia/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Porta_de_Istar

<http://www.comunidadeculturaearte.com/a-historia-do-azulejo-portugues/>

<http://ensina.rtp.pt/artigo/uma-breve-historia-da-azulejaria-portuguesa/>

<https://lisboasecreta.co/paineis-de-azulejos-que-sao-obras-de-arte/>

<https://redeazulejo.lettras.ulisboa.pt>

<https://www.addfuel.com/work/murals/>

<http://www.comunidadeculturaearte.com/a-historia-do-azulejo-portugues/>

<http://ensina.rtp.pt/artigo/uma-breve-historia-da-azulejaria-portuguesa/>

<http://www.sosazulejo.com>

<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/colecoes/digitile/>

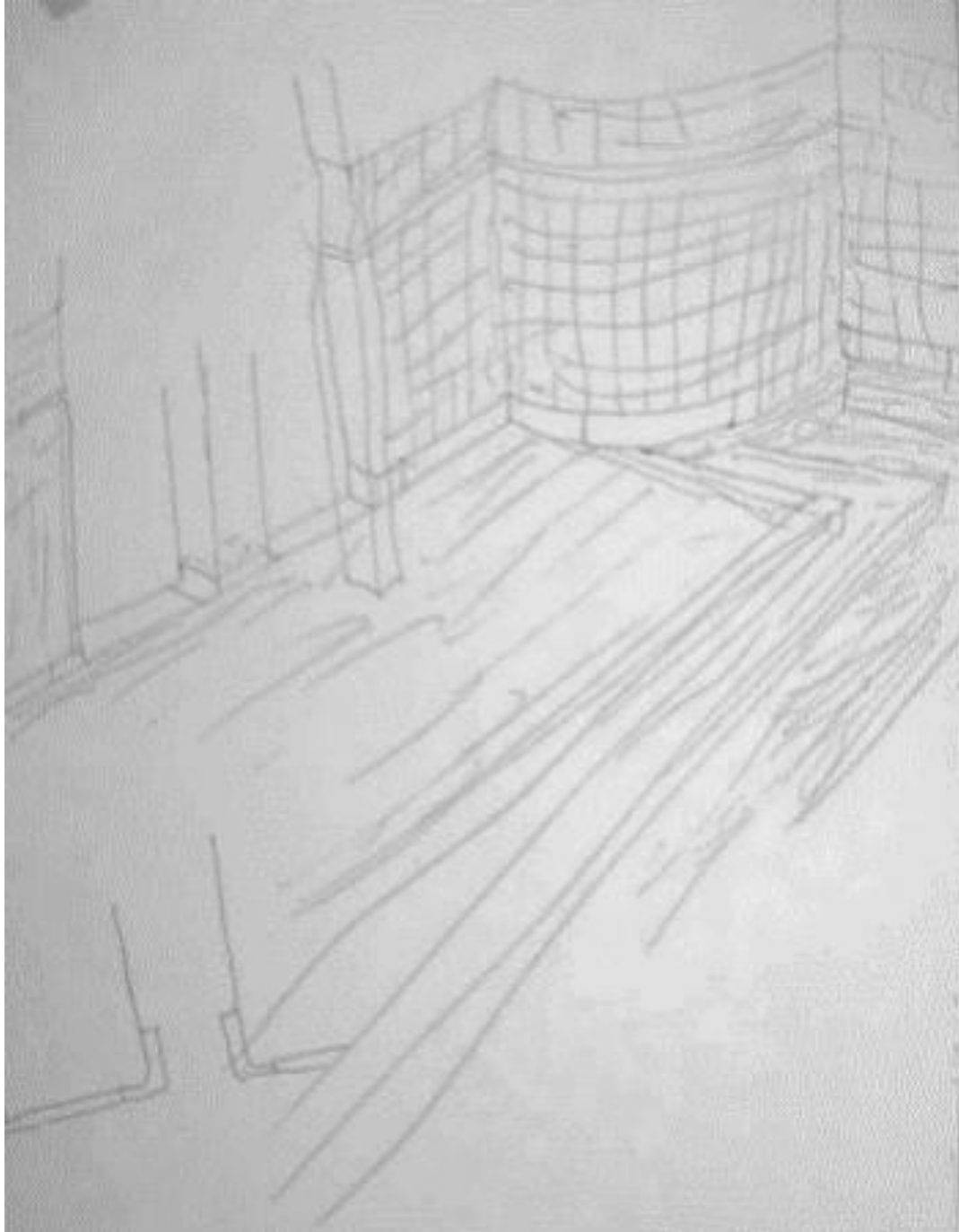
Lista de anexos

Anexo A - Igreja de Santa Maria, Arco de Canaveses

Anexo B - Pavilhão de Portugal, Lisboa

Igreja de Santa Maria, Arco de Canaveses

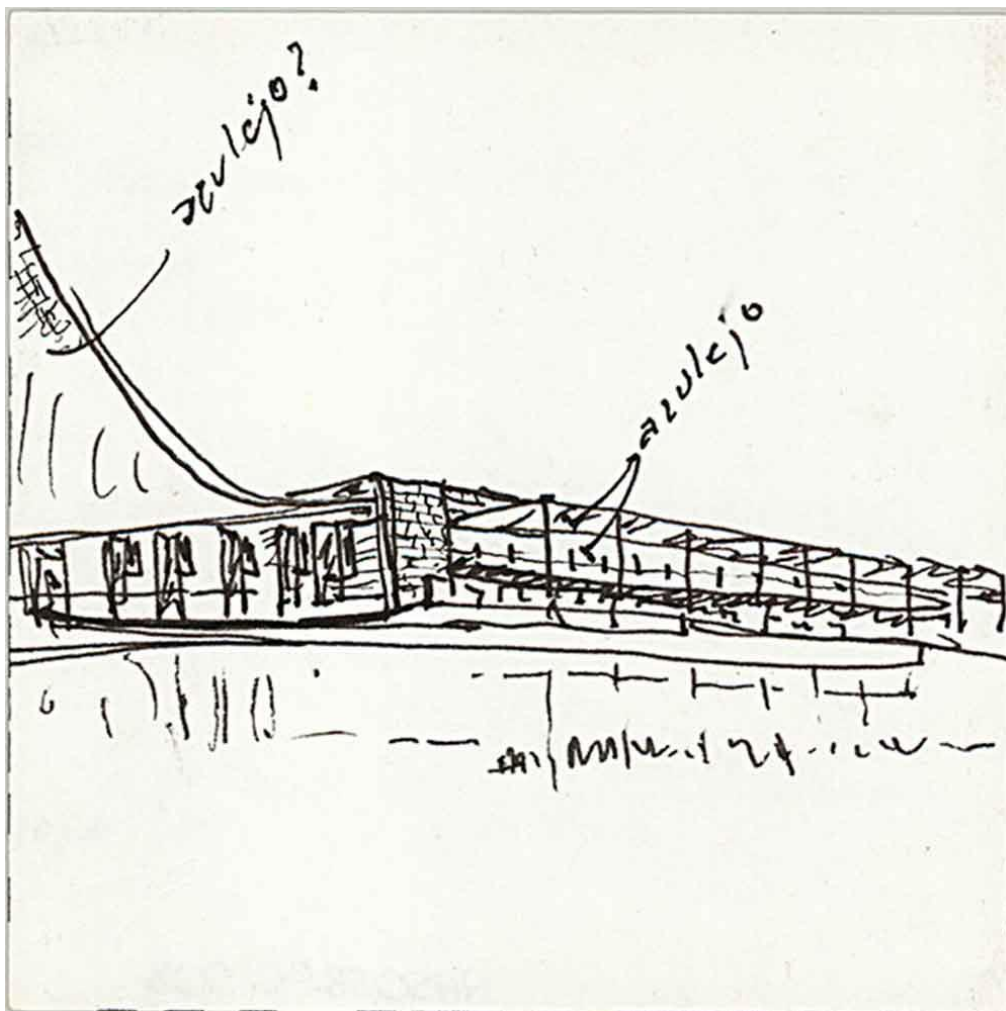
ANEXO A



Esquisto da materialidade do altar e materialidade dos
vãos. (Arquivo do Atelier Álvaro Siza Vieira).

Pavilhão de Portugal, Lisboa

ANEXO B



Esquisso da materialidade em azulejo.

(Fundação Calouste Gulbenkian.

Arquivo Álvaro Siza Biblioteca de Arte)

